**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA**
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANDERSON DE JESUS DE SOUSA MIRANDA

# DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA VOZ MASCULINA NUMA "PROFISSÃO FEMININA"

**ABAETETUBA – PA**
**2019**

ANDERSON DE JESUS DE SOUSA MIRANDA

# DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA VOZ MASCULINA NUMA "PROFISSÃO FEMININA"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará. Orientadora: Profª. Drª. Vilma Nonato de Brício

**ABAETETUBA – PA**
**2019**

ANDERSON DE JESUS DE SOUSA MIRANDA

**DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA VOZ MASCULINA NUMA "PROFISSÃO FEMININA"**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará. Orientadora: Profª. Drª. Vilma Nonato de Brício.

**Aprovado em**: ____/____/____

**Conceito**: _____

**BANCA EXAMINADORA**

_____

Profª. Drª. Vilma Nonato de Brício – UFPA
Orientadora – Faculdade de Educação e Ciências Sociais – CAAB/UFPA

_____

Prof. Dr. Jadson Fernando Garcia Gonçalves – UFPA
Examinador – Faculdade de Educação e Ciências Sociais

_____

Profª. Mestranda Ígora Írma Santos Dácio
Examinadora – Membro externa

Dedicado à minha família: em especial à minha mãe por me incentivar a estudar e a fazer-me compreender o quanto a educação transforma sonhos em realidade, pelas discussões sobre a vida, por acreditar que eu conseguiria e por sempre dizer: “a maior riqueza que deixo, à vocês meus filhos, é a educação”.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tudo e pelas oportunidades que me proporciona nesta vida terrena, acredito que sem a sua ajuda não teria conseguido finalizar está etapa de minha vida.

À minha família, que sempre acreditou em meus sonhos e me apoiou, incentivou e me deu forças para continuar acreditando que é possível conquistar nossos sonhos.

À minha mãe Maria do Socorro e ao meu pai Antônio, as pessoas que me incentivam a buscar conhecimentos e que são os pilares de nossa família, verdadeira/verdadeiro guerreira/guerreiro. “Quando crescer” quero ter a paciência de meu pai e a coragem de minha mãe.

Aos meus professores/professoras, que contribuíram para minha formação profissional e pessoal, em especial a minha orientadora Profª. Drª. Vilma Nonato de Brício, pela dedicação e compromisso com a sua profissão, a qual admiro.

Agradecimentos ainda ao Prof. Edivaldo de Brito Franco, por toda gentileza em ter contribuído decisivamente para a realização do trabalho de conclusão de curso.

À Pastoral da Juventude (PJ), pela formação crítica da realidade vivida por nossa juventude e pelo comprometimento com as causas sociais da minoria, compreendendo que a juventude não é o futuro, mais sim o presente.

Ao Movimento Estudantil UFPA/Campus Abaetetuba pelas grandes lutas travadas, por uma universidade pública e de qualidade a todas/todos.

Aos meus amigos/amigas de turma, Pedagogia 2015, pela amizade e aprendizado que construímos juntos. A vitória é nossa!

Ao meu grupo de trabalho, a vocês meus mais sinceros agradecimentos; compreendi com vocês que juntos somos mais fortes! Andréa, Evem, Laura, Lucas e Ramom, por nossa amizade e companheirismo. Eternas amizades!

A meus irmãos/irmãs, sobrinha, avós, namorada, pelo apoio e pelas conversas, por também fazerem partes dessa vitória, por vocês tornarem os meus dias melhores, pelas discussões da vida, obrigado!

E a todos/todas aqueles/aquelas que contribuíram pra que essa etapa fosse concluída!

“É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”.

Paulo Freire

**RESUMO**

A pesquisa sobre “docência e gênero” traz reflexões e discussões, mostrando assim, a presença e resistência do profissional masculino na atuação docente com crianças pequenas. O tema busca analisar a resistência de gênero na docência da Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental São José no Município de Abaetetuba/PA. Nessa direção, o problema de pesquisa construído foi: Como ecoa a voz de um homem na docência na Educação Infantil, sendo esta considerada uma “Profissão Feminina”? De que modo docentes do sexo masculino nos ambientes de Educação Infantil são visibilizados pela escola e pelas famílias? Os objetivos foram: analisar o trabalho de um homem na docência na Educação Infantil, sendo esta considerada uma “Profissão Feminina” e problematizar o modo como um docente do sexo masculino no ambiente de Educação Infantil da Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental São José no município de Abaetetuba/Pa é visibilizado pela escola e pelas famílias. Na pesquisa foi repensada a atuação masculina na Educação Infantil e sua atuação profissional mostrando que professores (homens) podem atuar na docência infantil, identificando as relações de gênero e como influenciam na inserção e permanência do professor na condição de docente, quais os desafios que este profissional enfrenta na sala de aula já que é um espaço predominantemente feminino e analisar a relação entre professor/aluno(a), aluno(a)/professor, professores(as)/escola, escola/professores(as), professor/família e família/professor na docência da Educação Infantil. Segundo Louro (1997), Oliveira (2005), as relações de gênero são relações de poder, nelas sempre vai ter embates, mas não podem promover desigualdades, exclusões na escola, buscando sempre a reflexão acerca das relações existentes na docência de crianças pequenas. Na pesquisa foi realizado um estudo de caso com abordagem qualitativa e como técnica de coleta de dados a aplicação de questionário semiestruturado e observação in lócus da pesquisa. Nossa análise considera que a docência infantil deve ser exercida tanto por professores/as homens quanto mulheres, fazendo com que a pluralidade de gênero esteja presente na sala de aula, afastando todo e qualquer tipo de preconceito e de exclusão social de gênero nas escolas.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Gênero. Docência Masculina.

**ABSTRACT**

The teaching and gender research brings reflections and discussions, thus showing the presence and resistance of the male professional in teaching with young children. The theme seeks to analyze gender resistance in the teaching of Early Childhood Education in the Municipal School of Early Childhood Education and Fundamental Education in the Municipality of Abaetetuba / PA. Questioning the reason why the presence of male teachers is much smaller than the female in the Early Childhood Education, what are the challenges faced by this professional in the classroom and which teaching should be performed by both men and women? From this issue, the problem arose to understand why the presence of men in teaching children is much smaller than women, and what challenges faced by this professional in the classroom, reflecting that teaching in Early Childhood Education should be both male and female. The research carried out had the objective to rethink the masculine activity in the Infantile Education and its professional activity showing that teachers (men) can act in the infantile teaching. Identifying gender relations and how they influence the insertion and permanence of the teacher as a teacher, what challenges this professional faces in the classroom since it is a predominantly female space and analyze the human relationship between teacher / student, student / teacher, teachers / school, school / teachers, teacher / family and family / teacher in the teaching of Early Childhood Education. According to Louro (1997), Oliveira (2005), gender relations are relations of power, always going to have conflicts, but can not promote inequalities, exclusions in school, always seeking reflection about the power relationship existing in teaching young children. For this study, a case study with qualitative approach, data collection, application of a semi-structured questionnaire and observation in the locus of the research were carried out. Our analysis considers that child teaching should be exercised by both male and female teachers, making gender plurality present in the classroom, removing any type of gender bias and exclusion in schools.

**Keywords:** Early Childhood Education. Genre. Teaching.

**SUMÁRIO**

**1. INTRODUÇÃO ..... 9**

**2. DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL ..... 17**

2.1 Educação Brasileira e homens na docência. ..... 17

2. 2 A resistência de gênero na prática docente na sala de aula da Educação Infantil.....23

2.3 Relação de gênero na E. M. E. I. F. São José ..... 28

**3. DOCÊNCIA MASCULINA EM UMA SOCIEDADE EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO ..... 34**

3.1 Docência masculina em um espaço de constantes transformações ..... 34

3.2 Homens ensinando crianças ..... 40

3.3 Homens na docência infantil: desconstruindo medo e preconceitos.....43

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 50**

**REFERÊNCIAS ..... 52**

**APÊNDICE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..... 54**

## 1. INTRODUÇÃO

A docência no Brasil, desde sua emergência no período da colonização, foi marcada pela diferença de gênero, incialmente sendo exercida por homens para meninos, homens religiosos, que instruíam e catequizavam os meninos e a partir do final do século XIX a docência começa a ser profissão de mulheres, já que a sociedade daquele momento histórico considerava que elas tinham maior aptidão para cuidar de crianças envolvendo relações de poder, em que o masculino se sobrepõe ao feminino. Esse discurso emerge no interior da religião católica e nas classes sociais tradicionais do Brasil do século XVII em diante favorecendo posteriormente a feminização do magistério, pois se acreditava que as mulheres eram "abençoadas" com função supostamente natural e materna do cuidar, criar e amar os seus filhos e filhas eram os atributos necessários e esperados para educar as crianças.

No século XIX a Igreja usa as mulheres para torná-las educadoras por serem consideradas vocacionadas, missionárias, com dom e missão de educar, para retomar seu poder ao manter a religião na escola. A presença da mulher na Educação Infantil se dá pela iniciativa da Igreja Católica que a usa para disseminar seus princípios religiosos na educação das crianças, mesmo após a cisão entre religião e educação com a expulsão dos Jesuítas do Brasil em 1759, se opondo ao conservadorismo da elite que não aceitava a mulher no trabalho fora do lar.

Mesmo com tantos avanços e conquistas dos e das docentes, em pleno século XXI a Educação Infantil ainda é vista como lugar de professoras mulheres pela própria sociedade, fazendo com que as famílias vejam negativamente a presença de homens na docência da Educação Infantil, associando o gênero masculino como grosseiro, menos cuidados com as crianças.

> É comum, por exemplo, famílias reagirem negativamente à chegada de um docente homem na educação infantil, por medo de que aconteçam casos de pedofilia, algo que é bastante difundido na mídia que não deixa de ser um veículo que influencia a opinião das pessoas, além dos casos realmente existentes (SOUSA 2015, p. 6).

Por muito tempo a mulher foi considerada a mais capacitada para cuidar e educar as crianças pequenas, por conta de a Educação Infantil ter, características consideradas femininas, tais como o amor às crianças, a abnegação e a delicadeza, e que relaciona cada vez mais enfaticamente a docência à maternidade, por isso, só elas poderiam atuar na Educação Infantil.

A representação da mulher como mãe, Maria mãe de Jesus Cristo, como abnegada, que se doa, caridosa, com instinto maternal, tornando-se o modelo de mulher a ser seguido em uma sociedade sexista, Maria a melhor forma de comparar tal feito às mulheres. A religião cria o modelo de comportamento a ser seguido diante da sociedade, usando a crença religiosa para propagar a representação perfeita de mulher, que mesmo sem saber quem era o pai de seu filho aceita, por obediência ao senhor.

E hoje apesar de já poder ser visto a presença do público masculino atuando nesse nível educativo, ainda predomina a presença feminina na sala de aula.

Entretanto, com a criação da Constituição de 1988, que garante a educação como direito~~s~~ de todos e dever do Estado, no seu artigo 208 foi instituído o atendimento para crianças de zero a seis anos, em creches e pré-escolas.

O trabalho docente na Educação Infantil, desde sua origem no século XIX, esteve relacionado ao sexo feminino. De acordo com Souza (2010), embora essa primeira etapa da Educação Básica tenha diversas origens, nas várias propostas o cuidar e o educar se relacionavam à maternidade e ao âmbito doméstico, características consideradas femininas. Essa vinculação ao feminino deve-se à associação das características do trabalho na Educação Infantil à "produção humana", como considera Rosemberg (1984):

> A educação infantil - tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola - é uma atividade historicamente vinculada à "produção humana" e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram as atividades do jardim-da-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período. (p. 11).

Nesse sentido, devemos superar o conceito de que a criança é um adulto em miniatura, pois o momento atual nos mostra a criança em outro ângulo ou dimensão, ela está inserida em um contexto social, que vai moldando e variando as relações interpessoais, entre as classes e etnias, eles são atores da vida em sociedade. Para Philippe Ariès (1973), "a 'aparição' da infância se dá a partir do século XVI e XVII na Europa, quando o mercantilismo, altera o sentimento e as relações frente à infância, modificado conforme a própria estrutura social". (p.14). Com isso, é fundamental a reflexão sobre a infância, tornando-se explícita a necessidade de o educador e a educadora ser capacitado/a, ter a formação inicial de qualidade, com base teórico-prática sólida e bem definida, para poder garantir a efetividade do cuidar e

educar. Pode-se observar que a Educação Infantil é desafiadora, pois requer do docente, atenção, conhecimento, dedicação e profissionalismo.

> Reconhecer a dimensão relacional do gênero possibilita desconstruir principalmente os argumentos culpabilizantes em relação ao masculino, que demarcam o discurso de parte do movimento feminista e que ainda se faz presente, direta ou indiretamente, nas produções acadêmicas contemporâneas. Ao invés de procurar os culpados, é necessário identificar como se dá a relação, gerando menos sofrimento individual e possibilitando efetivamente transformações no âmbito das relações sociais generificadas, ou seja, orientadas pelas desigualdades de gênero (ARILHA, UNBEHAUM, MEDRADO, 1998, p. 24).

A construção de significações, a gênese de pensamento e a constituição de si mesmo como sujeito se fazem graças às interações constituídas com outros parceiros em práticas sociais concretas de um ambiente que reúne circunstâncias, artefatos, práticas sociais e significações. E o ambiente escolar proporciona essa experiência às crianças, fazendo dessa relação o meio para a construção de concepções acerca do que estão experenciando.

Oliveira explica que:

> A experiência de conhecer crianças pequenas é muito interessante. Elas demonstram agir com inteligência e chamam nossa atenção pelas coisas que fazem, pelas perguntas que nos trazem. Desde seu nascimento, o bebê é confrontado não apenas com as características físicas de seu meio, mas também com o mundo de construções materiais e não materiais elaboradas pelas gerações precedentes, das quais, de início, ele não tem consciência. Essas construções comportam dimensões objetivas (formas de organização social, de atividade ou de trabalho, ferramentas ou obras) e dimensões representativas, codificadas especialmente pelas palavras das línguas naturais, plenas de significações e de valores contextualizados. (OLIVEIRA, 2005, p. 135).

No contexto histórico social presente na contemporaneidade, em que a velocidade e dinamismo dos processos existenciais, educativos e vivenciais permeiam a busca pela melhor preparação do sujeito, pois neste novo paradigma social, exige-se um sujeito formado, informado, conectado e preparado para viver relações em grupo.

Louro, no livro “Gênero, Sexualidade e Educação” enfoca algumas questões centrais das práticas educativas da atualidade. A produção das diferenças e das desigualdades sexuais e de gênero, em suas articulações com outros "marcadores sociais", como raça, etnia, classe.

> É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO 1997, p. 21).

A preocupação e o constrangimento que passamos na realização de pesquisa de campo em uma instituição de Ensino Infantil do município de Abaetetuba a respeito de gênero na disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil, fez com que iniciasse meu interesse pela temática, objetivando contribuir, de alguma forma, para transformar a educação do nosso município, encarando a Educação Infantil como um espaço de construção e reflexão crítica sobre gênero.

Quando o nosso grupo de trabalho chegou na instituição de ensino, nós, homens, fomos impedidos de ter contato com as crianças, ficamos em um espaço da Secretaria, onde tinha uma janela de vidro da qual observamos os alunos. Questionamos a gestora sobre o porquê homens eram impedidos de adentrar os espaços, ela nos respondeu: "norma da instituição e que os pais/mães não queriam que os seus filhos e as filhas fossem cuidados por homens."

Também o que me deixou perplexo durante a pesquisa, foi o fato de um funcionário que acabava de chegar para prestar serviço naquele espaço público ser remanejado para outra função, só porque seu serviço era próximo aos espaços onde as crianças ficavam, ele foi alocado para a secretaria da escola desenvolvendo outra atividade.

Para Louro (1997, p. 63), é fundamental entender que "a tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como 'natural'". Desta forma, é preciso ao analisar a educação sob a perspectiva de gênero, pensar que os currículos, normas, procedimentos de ensino, teoria, linguagem, materiais didáticos e processos de avaliação precisam ser questionados, ficando atentos às relações de poder das quais participamos, sempre na tarefa de colocar em questão tais relações, buscando a reflexão constante e a problematização mais ampla e complexa (LOURO, 1997).

Desse modo, torna-se imprescindível a problematização dos paradoxos entre os gêneros para que haja o mesmo tratamento entre docentes masculinos e femininos na Educação Infantil, onde o ambiente de trabalho seja plural, sem descriminação e que as diferenças de gênero sejam valorizadas, tanto na sociedade, quanto nos grupos sociais e instituições de ensino. Nessa direção, o problema de pesquisa construído foi: Como ecoa a voz de um homem na docência na Educação Infantil, sendo esta considerada uma "Profissão Feminina"? De que modo docentes do sexo masculino nos ambientes de Educação Infantil são visibilizados pela escola e pelas famílias em suas relações?

Com isso, este trabalho traz como objetivos: analisar o trabalho de um homem na docência na Educação Infantil, sendo esta considerada uma "Profissão Feminina" e problematizar o modo como um docente do sexo masculino no ambiente de Educação Infantil

da Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental São José no município de Abaetetuba/Pa é visibilizado pela escola e pelas famílias em suas relações.

A pesquisa é de cunho qualitativo, pois teve finalidade de se constituir num exercício de reflexão sobre a própria prática, o que favorece na construção do saber fazer pedagógico. Deslandes (1994) explica que:

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, as aspirações, crenças, valores e atitude, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21).

A escolha por fazer um estudo de caso se deu pela necessidade de analisar um caso particular e uma situação singular em uma escola paraense: a existência de um docente do sexo masculino no ambiente de Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental São José no município de Abaetetuba/Pa. O estudo de caso pode ser generalizado para outras escolas onde há homens atuando como docentes na educação infantil, por aprofundar exaustivamente a pesquisa dos objetos, permitindo novas descobertas que até então não estavam previstas inicialmente e também pela "[...] capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações" (YIN, 1989, p. 19).

Foram entrevistados/as o professor itinerante Francisco, a gestora da escola, a coordenação pedagógica, professoras e professores da escola, familiares (pais/mães) dos alunos e das alunas[1], valendo-me também da observação in *lócus*, com a finalidade de ter maiores subsídios para contribuir na fundamentação de nossa coleta de dados e informações ao interagir com os sujeitos em diferentes situações. Assim, pude observar as questões de gênero presentes na docência da Educação Infantil, a partir das quais pude elaborar conclusões, mesmo que provisórias, que fundamentaram as reflexões aqui expostas. A escola, o Professor Francisco e outros sujeitos entrevistados/as autorizaram a realização da pesquisa ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado no apêndice.

O *lócus* da pesquisa é a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São José, localizada em Abaetetuba, na Rua Lauro Sodré, Bairro São José. A pesquisa se deu nesta instituição de ensino por incluir o professor homem atuando na docência da Educação

[1] Todos os nomes citados no trabalho são fictícios para preservar as identidades dos sujeitos da pesquisa.

Infantil. Fiquei trinta (30) dias fazendo observação *in lócus*, acompanhando o professor itinerante no local da pesquisa e as diversas situações que ocorrem em uma instituição escolar.

A escolha dos sujeitos deu-se por conta de estarem inseridas no *lócus* da pesquisa e vivenciando a Educação Infantil na prática, por conta destes profissionais atuarem na Educação Infantil e o Professor Francisco, ter mais de 21 anos de docência, sempre atuando na Educação Infantil, sendo formado no Curso de Magistério (Nível Ensino Médio, antigo 2º grau).

A pesquisa é baseada nos estudos de vários autores/as, que em suas teorias, trazem o estudo de gênero como base nas relações sociais entre homens e mulheres, buscando sempre a reflexão crítica das relações de poder entre gênero, entre eles Louro (1997), Oliveira (2005).

Durante a pesquisa fiz análise de documentos como: plano de aula do professor, PPP da Escola, LDB, observação e entrevistas semiestruturadas mediante questionários de perguntas abertas, para identificar as relações de gênero presentes na docência da Educação Infantil e os desafios enfrentados pelo professor homem na sala de aula.

A presente pesquisa assume a perspectiva de que também a Educação Infantil é lugar de homens, por serem, cuidadosos, sensíveis com as causas das crianças, responsáveis e contribuinte para a formação dos pequenos. Toda essa gama de dados e informações construídas da observação e entrevistas (cos sujeitos da pesquisa) foram descritas e analisadas, resultando no texto ora apresentado.

A pesquisa está estruturada em 02 seções principais: “Docência masculina na Educação Infantil” e “Docência masculina em uma sociedade em constante transformação”.

Em “Docência masculina na Educação Infantil” mostrando como os homens iniciaram sua atuação na Educação Infantil, falando da resistência de gênero na sala de aula, evidenciando questões que efetivamente contribuirá para o estudo e por fim, como se dá as relações de gênero na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São José. E em “Docência masculina em uma sociedade em constante transformação” analisamos as transformações na docência a partir das questões de gênero e a inserção de homens na docência na Educação Infantil sendo considerada nesse caso em particular uma forma de resistência e que homens podem ensinar crianças, descontruindo medo e preconceitos.

A pesquisa contribuirá, diretamente, para o estudo de gênero, com questionamentos que desenvolvam a compreensão dos grupos sociais, cujo sujeito principal é o professor homem atuando na sala de aula, será fundamental na desmistificação de que a Educação Infantil não é um espaço apenas do gênero feminino, fazendo com que a produção do

conhecimento constitua-se na construção da sua própria identidade, pois buscamos, trazer uma nova visão social que sensibilize a Escola na certeza de que as diferenças existentes entre os seres humanos é fundamental para afastar tais preconceitos, pois a Educação Infantil é um espaço plural de atuação profissional.

Louro (1997), afirma a importância de se compreender as relações de gênero existente entre homens e mulheres e o quanto as desigualdades inferem diretamente no modo plural das relações existentes entre os gêneros, esse modo plural é identificado por gênero, classe, raça, etnia, idade, nacionalidade, etc. Com isso, há pluralidades, múltiplas nas relações de gênero e que produzem diferentes posições dos sujeitos, nas redes de poder (das instituições, símbolos, códigos, discursos, etc.), fazendo com que essas relações precisem ser examinadas. Já que, exercem transformações que nos ajudam a entender que as práticas educativas são generificadas, produzindo-se a partir das relações entre os gêneros, sobretudo, entre as classes e raças.

Terá relevância para a sociedade na quebra de paradigmas existente sobre gênero no chão da escola. Ou seja, de que a Educação Infantil não poder ser entendida como um espaço de conflito permanente de gênero. As relações de desigualdades devem ser diminuídas, buscando sempre a homônima, compreensão, e um novo conceito capaz de intervir diretamente em tais conflitos sociais.

A pesquisa fundamenta-se no desenvolvimento da erradicação de preconceitos de gênero existentes na docência da sala de aula da Educação Infantil. Com isso, a pesquisa busca fomentar a importância da quebra de paradigmas para desconstruir conceitos pré-existentes sobre gênero na docência infantil, fomentando conhecimentos que contribua para a permanência do docente masculino no ambiente educacional infantil.

Considero este tema relevante e indispensável para a Educação Infantil, por ser desafiador para a docência de professores homens. Portanto, o tema escolhido nos mostra o quando o docente masculino contribui para a formação de crianças pequenas e na compreensão de que também homens podem atuar na docência.

Portanto, cabe aos profissionais da educação identificar os conflitos de gênero existente na docência infantil, para que juntos posam chegar à compressão de que tanto professores (homens) quanto professoras (mulheres) podem atuar na educação de crianças, sobretudo na sensibilização dos conflitos e preconceito de gênero existente na docência da Educação Infantil e encontrar mecanismos que contribuam para desconstruir tais conflitos.

Fazendo com que a pluralidade de gênero seja presente e permanente no âmbito da docência infantil.

Por fim, será de grande responsabilidade que todos nós que estamos buscando ser um/uma profissional da pedagogia, possamos compreender que os conflitos entre gênero é uma realidade na Educação Infantil e que possamos estar atentos/as para resolver tais problemáticas, sempre com inteligência e despido de qualquer tendência de gênero para que não possamos prejudicar as partes. Compreender que professores homens podem atuar na Educação infantil, nos torna profissionais diferenciados/as e comprometidos/as como nossa formação acadêmica, pessoal e social, já que a realidade da docência infantil não é tão igual entre homens e mulheres.

## 2- DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta seção faço uma breve contextualização da Educação Brasileira e homens na docência infantil, buscando fazer uma reflexão crítica sobre gênero na sala de aula, mostrando que a docência foi primeiramente masculina e religiosa e mais tarde torna-se feminina e o surgimento da Educação Infantil no Brasil. Em seguida faremos a contextualização do *lócus* da pesquisa a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São José, onde o Professor itinerante Francisco atua como docente, compreendendo que a resistência masculina na docência da Educação Infantil é fundamental para a relação de gênero na Escola São José. Analiso ainda como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e como a Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB) tratam de tais debates.

### 2.1 Educação Brasileira e homens na docência

No Brasil a escola é primeiramente masculina e religiosa, tendo por finalidade a catequização dos indígenas, mais principalmente a formação de jovens do sexo masculino brancos para a dominação de outros povos.  Fazendo com que se volte para a formação de católicos exemplares. As ordens religiosas determinavam quais eram as condutas, gestos, modos de andar, falar, entre outros que os meninos e jovens deviam seguir, determinando um detalhado e minucioso conjunto de dispositivos de poder para controlar as ações desses indivíduos. Tornado esse modelo de ensino por muito tempo presente no Brasil, onde a religiosidade e os bons costumes eram fundamentais para uma boa formação cidadã. A igreja atua de forma efetiva na educação brasileira, transformando esse ambiente saudável e propicio ao desenvolvimento dos dogmas religiosos, a escolarização inicia com as práticas católicas de tornar o povo indígena catequisados.

> Também no Brasil a instituição escolar é, primeiramente, masculina e religiosa. Os jesuítas, “braço espiritual da colonização”, para além das tentativas de catequização dos índios, investem, de fato, na formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes. As primeiras escolas brasileiras regidas por esses irmãos (e a grande maioria daquelas que se organizam a parti de outras ordens religiosas) constituem-se, pois, num espaço marcadamente masculino, voltado para a formação de um católico exemplar. É importante notar que esse modelo de ensino permanece no País por um largo tempo, mesmo depois de oficialmente afastado, ao final do século XVIII (LOURO, 1997, p. 94).

Na E. M. E. I. F. São José constatei ainda a presença do catolicismo como parte do cotidiano da escola tornando marcante até hoje os princípios religiosos como forma de

constituir bons cidadãos. O professor por encontrar-se inserido nas comunidades católicas principalmente de São João como catequista, traz para a sala de aula princípios da sua religião, no início das aulas tem orações e musiquinhas religiosas com as crianças. Os bairros próximos de São João e São José, onde o catolicismo é predominante influenciam diretamente a dinâmica da escola. As imagens de Santos católicos como a de São José no espaço educacional são indícios que o catolicismo faz-se presente naquela unidade de ensino. O primeiro momento é de reflexão no salão, isso faz com que as orações sejam feitas e desenvolvidas como prática do cotidiano das crianças. A escola surge do movimento de moradores engajado na Comunidade Católica de São José, a necessidade das mães trabalharem fora do lar, tem-se a necessidade de colocar os menores em um lugar seguro e que desse para ir ao trabalho e na volta buscar as crianças sem que nada de mal acontecesse para elas.

A E. M. E. I. F. São José surge da necessidade das famílias carentes em ter um local de educação para seus filhos pequenos. A luta da Associação de Moradores se concretiza em 20 de Março de 1987, a pré-escola, chamada de "Bambinos de São José", através do convênio da prefeitura com a Associação de moradores e hoje funciona em Regime de Comodato, ou seja, a associação cedeu os prédios onde funciona a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (anos iniciais), por tempo indeterminado. Onde o professor homem foi contatado pelos pais para desenvolver as atividades docentes naquele espaço, tornando assim o vínculo de professor até hoje com a escola.

> Eu comecei a trabalhar na Escola São José em agosto de 1995, pela desistência de uma docente que não se adaptou na turma, e como eu já tinha um pouco de experiência em trabalhar com crianças de três anos, ou seja, maternal fiquei na docência daquela turma. Quando eu iniciei, quem pagava o professor eram os pais dos alunos, os mesmos contribuíam com cinco reais por mês. Só lembrando que nesse tempo quem era responsável pela escola era a (Associação de Moradores do Bairro de São José). Em 1997, fui contratado pala Associação e estou até hoje na escola, quase 20 anos de maternal, nesse período que iniciei na docência ainda estava estudando, faltava um ano para minha formatura do Magistério. (Professor Francisco, 2018).

O Projeto Político Pedagógico da Escola São José (2018) nos mostra o quanto é um instrumento teórico metodológico que orienta a prática de forma organizada e reflexiva do cotiando da escola, buscando sempre "a equidade, isto é, aqui se busca propiciar as condições de acesso, permanência e sucesso do processo educacional", já que os desafios são grandes diante da heterogeneidade do público que busca a escola como meio de ascensão social e cultural. Fazendo com que o espaço educacional seja atrativo, valorizando e respeitando as

experiências de vida de cada discente e família, com o objetivo de fortalecer o propósito nos educandos, que é o desenvolvimento crítico global, fazendo que o Projeto Político Pedagógico não seja apenas um conjunto de planos, projetos e documentos de diretrizes pedagógicas, mas sim, “um produto especifico que reflete a realidade da escola”.

> A escola contemporânea tem passado por expressivas transformações de caráter social, econômico, político, que impulsionam, um mundo econômico, político e cultural, que influenciam no modo de vida das pessoas, que refletem na vivencia escolar. Nessas vivencias observamos situações dignas, responsável, equilibrada, crítica e criativas. Mas, enfrentamos também situações lastimáveis, como se as pessoas estivessem perdendo o senso de aprender, do bem viver, de relacionar-se, de querer e de respeito (PPP da Escola São José, 2018).
>
> Considerando o Projeto Político Pedagógico instrumento de direcionamento no contexto escolar, vale esclarecer as dimensões políticas e pedagógicas segundo André (2001) e Veiga (1998): Ele “é político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade” (André, p. 189) e é pedagógico porque possibilita a efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, comprometido, crítico e criativo (PPP da Escola São José, 2018).

Com o processo de transformação social na segunda metade do século XIX, permitiu-se a entrada de mulheres para a docência, com isso, aos poucos há um grande predomínio da docência feminina. Essa feminização é impulsionada pelo processo que vinha ocorrendo em outros países, já que naquele momento, o processo de urbanização estava em curso e a dinâmica de sociedade sendo modificada. Com esse novo contexto a atividade de magistério se torna permitida, passando a profissão por uma ressignificação, principalmente à medida que de fato se feminiza. Com isso, as suas funções são diferenciadas dentro do ambiente escolar, separados por gênero, as mulheres ensinam meninas, homens ensinam meninos, tendo objetivos de formação diferentes, já que as senhoras eram consideradas “honestas” e “prudentes” favorecendo o argumento de se feminizar o magistério, impondo a necessidade de professoras mulheres assumirem a docência, com a ordem progressista de que a higienização e fundamental para as famílias, modernização, formação e amor materno são indispensável ao desenvolvimento físico e emocional da criança.

Louro (1997) afirma:

> No Brasil é possível identificar algumas transformações sociais que, ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes. As formas como se dá essa feminização podem ter algumas características particulares, ainda que se assemelhem a processos que ocorreram também em outros países. (p. 95)

Entendo que a maternidade é tarefa feminina, a ruptura ou a descontinuidades que surgem na prática educativa faz com que a mulher chegue ao magistério transformando o espaço que era masculino em um ambiente feminizado.

> Se, por um lado, práticas e arranjos de ensino sugerem algumas continuidades no processo educativo escolar, por outro, certas modificações indicam possíveis descontinuidades ou rupturas. Magistério e escola, como atividades ou instituições sociais, transformam-se historicamente. Os sujeitos que circulam nesse espaço se diversificam e a instituição. Entre as mudanças que marcam, de forma mais evidente, esse processo de transformação está a *feminização do magistério* (LOURO, 1997, p. 94).

A Educação Infantil no Brasil surge com a necessidade de combater a mortalidade infantil, e com a abolição da escravatura no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, há uma grande necessidade de criação de espaços para o acolhimento desses menores, já que o abandono de crianças cresceu. A elite apresentava um discurso de que à família era culpada pela situação precária de seus filhos. No final do século XIX, reuniu-se condições favoráveis para que a elite assimile os preceitos do Movimento da Escola Nova, já que na Europa tinha dado certo. Com isso, surge o "Jardim de infância", no Rio de Janeiro em 1875 e em 1877 São Paulo, sendo que os primeiros jardins de infância foram privados e só depois que surgiram os públicos.

É nesta visão que Oliveira (2005) relata:

> Nesse período, a preocupação com os menores das camadas sociais mais pobres também era freqüente na imprensa e nos debates legislativos. Enquanto Rui Barbosa considerava o jardim-de-infância como a primeira etapa do ensino primário e apresentou, em 1882, um projeto de reforma da instituição no país, distinguindo salas de asilo, escolas infantis e jardins-de-infância, observar-se outrossim, o fortalecimento de um movimento de proteção à infância, que partia de uma visão preconceituosa sobre a pobreza, defendendo um atendimento caracterizado como dádiva aos menos favorecidos. (p. 93).

Tornado o ambiente propício para o desenvolvimento da cultura do cuidar aos menores e o sentimento de proteção que era necessário para a profissão, desenvolvendo a cultura de que a educação infantil era higienista, essas tarefas tornaram-se mais importantes para as famílias do que o próprio aprendizado e desenvolvendo das crianças.

As primeiras creches no Brasil surgem com o apogeu da revolução industrial, quando tinha-se a necessidade das mães terem um local para deixar os filhos, durante a permanência delas no trabalho, as mulheres eram operárias e domésticas trabalhavam para contribuir com o sustento familiar, fizeram protestos, reivindicando melhores condições de trabalho e creches, conseguiram suas reivindicações, pois os seus patrões tinham o objetivo de

enfraquecer os protestos, e também viram que se as operárias estivessem satisfeitas suas produções aumentavam, e assim os seus lucros eram maiores. As creches eram improvisadas sem nenhum amparo por leis, sem nenhum fundamento pedagógico, com a concepção assistencialista, higienista e sanitária, compreendendo a Educação Infantil com características femininas, pois se considerava que "só as mulheres tinham essa capacidade maternal de cuidar de crianças tão novas e já aos homens destinavam-se aos trabalhos braçais, tidos como provedores do lar". (SILVA, A, 2014, p. 11).

Oliveira (2005) diz que "após a promulgação da Constituição Federal de 1988, que determinou que 50% da aplicação obrigatória de recursos em educação fosse destinada a destinada a programas de alfabetização". (p.116). Na década de 90, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente e os debates sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), tomam conta das discussões no país.

> Esses fotos preparam o ambiente para a aprovação da nova LDB, Lei 9394/96, que estabelece a educação infantil como etapa inicial da educação básica, conquista histórica que tira as crianças pequenas pobres de seu confinamento em instituições vinculadas a órgãos de assistência social. (OLIVEIRA 1996, p. 117).

Fazendo com que diante desse novo contexto, haja uma reorganização da Educação Básica, ampliando seu conceito e abrangência. Passando a ter um foco muito grande, desde seu processo formativo, mercado de trabalho, relação do professor, família, gestão escolar e coordenação pedagógica. Nessa nova repaginada da educação surge a necessidade da inserção de todos os sujeitos estarem presentes nas tomadas de decisões para que juntos possam contribuir efetivamente para o fortalecimento de novo processo educacional, estimulando a participação dos envolvidos de forma responsável e democrática.

> Aumenta as responsabilidades das unidades escolares (aí incluindo creches e pré-escolas) e determina que os sistemas de ensino garantam graus progressivos de autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira a suas unidades escolares. Estimula ainda a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e a participação da comunidade em conselhos da instituição educacional (OLIVEIRA, 2005, p. 117).

A elaboração do Projeto Político Pedagógico é fundamental para a construção de uma escola plural e democrática, fazendo com que esse documento seja instrumento de transformação social, transformando a responsabilidade social em ação dentro do ambiente escolar, garantindo às unidades escolares autonomia pedagógica e aumento significativo da participação dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

> Dentro do espaço escolar é necessário compartilhar as decisões, numa perspectiva democrática na qual se decide coletivamente e delega a execução, ou seja, uma gestão democrática participativa, qual ocorre entre a direção e a participação do pessoal da escola, enfatizando sempre a necessidade da interação todas nas propostas uma vez que os objetivos sejam assumidos por todos. Essa é a forma de gestão em que as decisões são tomadas coletivamente. Porém vale ressaltar uma vez tomada as decisões coletivamente, advoga que cada membro da equipe assuma a sua parte no trabalho (PPP da Escola São José, 2018).

A escola é um espaço de aprendizagem, onde todos aprendem e participam do processo de tomadas de decisões e também é o espaço que cada profissional desenvolve sua profissionalidade e potencialidade, conhecendo suas necessidades e realidade, em um contexto múltiplo de aspectos e significados, como a história e a trajetória de cada indivíduo inserido na E. M. E. I. F. São José. E esses aspectos contribuem decisivamente para a constituição do profissional contemporâneo, que vem ao longo do tempo passando por diversas transformações sociais, político, econômico e cultural, que influencia diretamente no modo de vida das pessoas.

> Como já relatei não foi fácil estar na educação infantil, mas é muito gratificante, ainda mais um homem negro trabalhar na Educação Infantil com crianças de 3 anos. Nessa minha profissão "você é pai, mãe, tio, médico e conselheiro", porque você trabalha com famílias de todas as classes e credos. O que é mais significativo pra mim é você passar pela rua e ser reconhecido pelos seus alunos, que hoje já estão formados, com famílias e etc...., que belo presente você não acha? Isso salário nenhum compra. (Professor Francisco, 2018).

O trabalho do professor Francisco vai além das suas funções dentro da sala de aula, pois ele assume tarefas de outros profissionais, isso é sobrecarga de trabalho, pois na Educação Infantil deveria ter uma equipe multifuncional que atendesse as necessidades das crianças: médico, enfermeiro, psicólogo, assistente social, entre outros/as profissionais para não sobrecarregar o docente.

E sobre a história e trajetória do professor homem na Educação Infantil na E. M. E. I. F. São José, seus/suas colegas de profissão, mães e pais consideram interessante os seguintes aspectos:

> A sua capacidade teórico-prática é muito interessante perceber que não existe diferença em relação ao que a mulher desenvolve e o homem, porque o que tá em ênfase é a capacidade de formação dele. É uma pessoa competente que sabe o momento certo de agir, as metodologias que ele usa são muito interessante nesse sentido, a questão da mediação é muito importante porque ele se posiciona como mediador do conhecimento a partir do conhecimento que ele tem, eu não consigo ver essa diferença, há porque

> uma prática é melhor que a outra, eu consigo perceber essa equidade de atuação profissional. (Professora Tália, 2018).

> O trabalho do professor homem na Educação Infantil é muito bom, tem carinho com as crianças, sempre faz aulas dinâmicas, gosto muito do trabalho dele. É prestativo, sempre interage com os pais e com as crianças, respeitoso e educado. Vejo dá o seu melhor para ensinar as crianças mesmo com todas as dificuldades que ele tem por estar lidando com crianças. (Mãe Maria, 2018).

> A forma como trata as crianças é muito boa, vejo a dedicação que ele tem no seu trabalho, exerce sua profissão com gosto, mesmo com todas as dificuldades que existe sempre estar de bem com a vida. Isso faz com que as coisas fluam da melhor forma, tanto dentro da sala de aula como fora também. Agradeço muito a ele, nos primeiros dias de aula quando meu filho não queria ficar na sala era ele que me ajudava, acalmando e fazendo meu filho parar de chorar. (Mãe Joana, 2018).

Compreendendo que mesmo com tantos avanços na educação, ainda é perceptível o quanto está enraizado as práticas e modelo de uma educação sexista, machista e que acaba sendo desenvolvida pelo próprio professor para atender o querer da própria sociedade. O professor ainda é visto com um ser estrando naquele espaço de trabalho, e isso faz com que o mesmo fique até retraído com certas atitudes dos pais ou até mesmo da criança, onde já está definido o que elas como crianças podem ou não fazer dentro da sala de aula. Observando como os meninos e as meninas expressavam e entendem as identidades de gênero, nas expressões verbais e irônicas quando diziam o que é considerado brincadeira “normal” para o sexo masculino e para o sexo feminino, os meninos brincam de bola, carro e super-heróis e as meninas de boneca, elástico e outros.

> Eu gosto de brincar de carro porque meu pai disse quando crescer irei aprender a dirigir, é muito legal nas minhas brincadeiras sempre fico com o carro vermelho porque ele é muito forte e ganha de todos[2]. (Aluno Eduardo, 2018).

Fazendo com que a expressão do menino reforce a ideia da masculinidade e valorização do discurso de uma sociedade machista e sexista.

## 2. 2 A resistência de gênero na prática docente na sala de aula da Educação Infantil

[2] Observação de Campo do dia 14/11/2018.

A partir do relato na Educação Infantil, dos outros sujeitos envolvidos na pesquisa e da análise desses dados colhidos. Pode-se compreender que resistir é uma tarefa constante na docência masculina, onde o medo dos pais, da sociedade, é constante, com o sujeito estranho dentro da sala de aula.

O principal relato feito pelos pais é o cuidar das crianças, principalmente das meninas com a higienização de suas partes intimas. Para a família o professor homem é excelente, o que interfere nesse contexto é a higienização dos pequenos, a educação infantil é vista como um espaço do cuidar.

> A higienização das crianças querer um cuidado de professoras mulheres pois é complicado para o professor homem fazer esse trabalho, a mulher já tem esse jeito por ser mãe. E o professor homem não tem experiência para fazer esse serviço, porque o senhor sabe, somos homens. A maior preocupação nossa como pai é a questão do cuidado com as meninas já que o professor precisa fazer a higienização das crianças. (Pai Mário, 2018).

A concepção de Educação Infantil como espaço de cuidado, restringe a atuação do professor homem nesta etapa da Educação Básica, pois o exercício do cuidado envolve trocar roupas das crianças, levá-las ao banheiro, limpá-las..., situações que envolvem contato corporal, o contato direto (toque) com as crianças pequenas, circunstâncias consideradas propicias ao abuso sexual, à pedofilia. Desse modo, se faz necessário e urgente repensar o significado de cuidar/educar na Educação Infantil, já que isso reforça o estereótipo do abuso sexual contra as crianças, fazendo desse sujeito professor homem seja alvo de preconceito e descriminação das próprias famílias das crianças, impossibilitando a ideia de que o homem pode cuidar das crianças.

> Outra marca da docência masculina na educação infantil está ligada aos comportamentos sexuais- o homem “meio homem” - o gay e o medo da pedofilia. Neste contexto, os desvios são colocados como anormalidades que devem ser sanadas, ou seja, as crianças devem se manter distantes do *selvagem*, para não perderem a dimensão pura, ingênua e dócil do corpo infantil. Essa imagem do homem-selvagem carrega em si a história dos preconceitos e das dolorosas formas de constituir uma visão única sobre masculinidade. (SILVA, P. 2014, p. 103).

Com isso, as famílias veem a Educação Infantil como uma extensão do lar, e às mulheres são atribuídas a função de cuidar da casa, são reprodutora e com as características necessárias para atuar nesses espaços com crianças, já o homem é um ser grosseiro, ainda ser o provedor dentro da esfera reprodutiva, não é bem visto no ambiente infantil e ainda são vistos como abusadores em potencial. A resistência do professor homem na E. M. E. I. F. São José é diária pois os seus desafios perpassam as suas atribuições como professor. Em uma

sociedade patriarcal, sexista que dita o padrão a ser seguido, fazendo com que o número de professores homens na educação infantil seja reduzido, passando a ideia que a mulher tem esse instinto maternal, o cuidado confundido muito com o educar, por ser os primeiros anos da escolarização.

> As instâncias formativas, ou seja, formadora dos indivíduos, primeiro é na família, depois na escola e a universidade, explicando como se dá essa transição, a escola enfrenta esse desafio de tentar que os pais percebam que ela tem uma formação própria de educar as crianças, mas que também não exime o papel deles, colocando que cada um tem seu papel, a parti do momento que a criança chega à escola, o papel é da escola em instruir elas. (Professora Tália, 2018).

As creches apresentam uma nova concepção, da educação, um novo jeito e um novo espaço educacional, é bom considerar que esse novo jeito não surge por acaso, tem influência nas mudanças de concepções, de criança, "de mulher-mãe", "de homem-pai", com novas configurações sociais, permeada de interesses: do Estado, ou de grupos beneficiados mediante as ações tomadas:

> O fato de o filho da operária estar sendo atendido em instituições montadas pelas fábricas passou, até, a ser reconhecido por alguns empresários como algo vantajoso, por provocar um aumento de produção por parte da mãe. (OLIVEIRA, 2005, p. 96).

Sabemos que é cultural e pré-definido a função tanto do homem quanto da mulher e ai percebemos o ideário social, postulando atribuições biológicas de gêneros, inatos. Você nasceu assim então só pode fazer as coisas de acordo com sua maneira biológica, não reconhecendo a construção da nossa identidade.

A mídia também contribui muito para essa disseminação desse padrão, não podemos eximir o quanto ela influencia a sociedade, sendo um dos aparelhos ideológico presente em nosso meio social, tudo isso contribui para nós termos essa visão deturpada da docência masculina, no Brasil principalmente com a vinda da família real no século XIV, criando as escolas normais, então foi nesse período que essa ideia se fortaleceu, as mulheres tem que cuidar das crianças não basta apenas na casa agora na escola também, com isso a visão que associa a educação infantil com esse instinto maternal, como se esse elo não se desligasse, contribuindo para a feminização do magistério. Para a professora Tália, "independente da definição de sexo, gênero, o ideário social determinista que postula atribuições biológicas e inatas de determinado gênero".

Além dele ser professor itinerante na escola a relação de proximidade com as famílias e as crianças é fundamental para que desenvolva um bom trabalho, estar em constante diálogo com as professoras regentes das turmas é primordial para a sua boa aceitação junto ao corpo docente da escola.

Diante disso, podemos perceber que existem professores e professoras, e o professor homem da E. M. E. I. F. São José é comprometido com a aprendizagem das crianças, tem um olhar diferenciado para o desenvolvimento das atividades das crianças, abordagens diferenciadas aos assuntos sempre dinamizando, trabalha o lúdico e perspectivas diferentes, independente do gênero sempre busca o desenvolvimento das competências das crianças. Sabendo que as relações no espaço da Educação Infantil é complexa e cheia de conflitos e que o pré-julgamento dos profissionais homens na Educação Infantil é caracterizado e definido através de características estereotipadas atribuídas pelo seu gênero.

> Também a própria resistência do próprio homem com a Educação Infantil, onde o preconceito e desrespeito são inerentes a profissão e há necessidade do profissional se ver apto a desenvolver uma prática profissional que supere a sua própria visão de pré-conceito desde a formação a opção pela questão do curso, ainda vemos a resistência de homens em seguir esse caminho da docência, ainda está muito preso a própria pessoa de optar por uma área, ou seja, por um caminho que contribua para o desenvolvimento da criança, acredito que é nesse sentido que o homem contribui, mas que ainda é visto com esse pré-conceito (Professora Tália, 2018).

Fazendo com que a atuação masculina na Educação Infantil seja interpretada, compreendida e justificada de forma que força, os estereótipos e o machismo presente na docência masculina.

> Desse modo, outros discursos foram construídos para justificar a entrada de docentes do sexo masculino nos ambientes de educação infantil, como: a busca de valorização da carreira docente, como justificativa de ter homens nos cuidados das crianças pequenas (Jytte Juul Jensen, 1993); o papel do docente do sexo masculino para disciplinar "grupos denominados mais indisciplinados" (Sayão, 2005, p. 256). Tais pressupostos só reforçam o machismo na construção da docência nos espaços da creche e pré-escola (SILVA, P. 2014, p. 187).

As questões salariais também interferem diretamente na escolha profissional do homem, fazendo com o distanciamento da docência seja cada vez mais notório, já que os altos salários estão em outras profissões, os baixos salários da profissão a precarização do ensino, os homens foram deixando a profissão do magistério, fazendo com a docência em grande parte seja feminina, principalmente a docência na Educação Infantil, mostrando que a precarização e baixos salários tornam esse ambiente tão pouco atraente para o gênero

masculino, caracteriza-se a sociedade machista e preconceituosa, onde os vencimentos mensais do homem tem que ser superior aos das mulheres. Com isso, a Educação Infantil é vista como lugar de mulheres como se a precarização da educação fosse ruim apenas para o professor homem, deixando com que a questão salarial e as precárias condições de trabalho não fossem o suficiente para lutar por uma educação de qualidade para todos. "Assim, os baixos salários já eram uma característica da docência que, somados ao maior controle do Estado, às precárias condições de trabalho e de formação, ao aumento do período letivo e à perda de autonomia foram afastando os homens dessa profissão" (VIANNA, 2013, p. 164).

Entendendo que a transformação da sociedade se dá por meio do processo educativo, e a isenção do professor homem nesta etapa educacional faz com que a desigualdade de gênero se consolide, fazendo com que as mulheres não fossem dignas de boas condições de trabalho, salários dignos para desenvolver tal profissão. O trabalho docente requer dignidade e, sobretudo respeito e responsabilidade para o seu desenvolvimento.

> É necessário reconhecer que o problema tem muito mais amplitude. Olhar para a histórica desvalorização da educação infantil em geral e consequentemente dos seus profissionais faz sentido quando se observa que o segmento sofre impactos na distribuição ocupacional dos gêneros. Vale considerar que historicamente a educação infantil tem sido desvalorizada mesmo. A herança do ideário de cunho assistencialista ainda pesa sobre a realidade da educação infantil. Sendo assim, não é aceitável, porém, explicável porque os recursos para a educação infantil sejam sempre mais escassos. A baixa escolaridade dos/as profissionais, a formação deficiente são alguns dos exemplos que evidenciam o quanto a educação infantil é relegada diante de outros segmentos educacionais. No Brasil, por exemplo, as ênfases das políticas públicas educacionais para o ensino fundamental ilustram esse fato. Ressalte-se que tem havido conquistas importantes como a inclusão da educação infantil na Educação Básica e a exigência de formação específica, conforme a LDB, por exemplo. (SOUZA, 2015, p. 6).

Resistir é uma tarefa diária do professor da Educação Infantil, onde o olhar está direcionado a todo momento para suas atitudes e práticas da docência, quando o pai não quer que seu filho seja ensinado por um homem, a própria Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto/ (SEMEC) diz que não tem homens atuando na Educação Infantil no Município de Abaetetuba, onde a relação com as professoras mulheres nem todas as vezes é tão amistosa, a sociedade impondo seu modelo pré-definido de como tem que ser o profissional dessa área. Fazendo com que a relação de gênero seja vista de forma distorcida e conturbada pelo próprio professor, tornando o ambiente educacional desigual e sem a devida reflexão e estudo de gênero dentro do ambiente escolar.

## 2.3 Relações de gênero na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São José

A presença de homens na docência da Educação Infantil tem produzido reflexões e principalmente, como essas relações de gênero se constituem neste campo da Educação. O tema tem por finalidade evidenciar questões que possam efetivamente contribuir com o estudo de gênero presente na Educação Infantil no Município de Abaetetuba, trazendo elementos que evidenciem efetivamente a inserção de homens neste espaço. Onde é um espaço plural de atuação profissional, a presença de homens na profissão do Magistério tem trazido grandes debates para o meio educacional, fazendo com que a atuação deste profissional seja vista de forma distorcida e preconceituosa.

> Em 1999, no início do ano letivo, aconteceu um fato interessante, a senhora Maria do Socorro (nome fictício) trouxe sua filha para estudar, era seu primeiro dia de aula, quando ela chegou na porta da sala, que nesse tempo funcionava na Escola de Ensino Fundamental, onde hoje é a sala dos professores, perguntou pela professora, eu respondi a ela que o professor era eu, e ela insistia que queria ver a professora da sala e eu respondia sou eu mãezinha, a mesma retirou-se da sala com a criança e procurou a direção da escola, que respondeu a responsável da criança, já que você quer uma professora para sua criança procure uma outra escola porque aqui só temos um professor. Passou uns quinzes dias, a mesma retornou a escola, mas infelizmente a gestora não aceitou a criança na escola. (Francisco, 2018).

Essa atitude nos faz refletir sobre o quanto a Educação de crianças pequenas é uma tarefa árdua e importante na compreensão e desenvolvimento social, uma sociedade sexista, machista, de conceitos pré-definido fundamenta atitudes e ações que nos impedem de ver o outro como ele é de verdade, e não condenando-o por estar exercendo seu trabalho em um espaço que até então "seria" de mulher, compreender os desafios enfrentados na docência da Educação Infantil pelo gênero masculino é fundamental para mostrarmos que homens podem atuar diretamente na educação de menores, e que o espaço infantil não é apenas para mulheres, e que sim tem profissionais homens desenvolvendo este trabalho.

Durante essa inserção que tive na E. M. E. I. F. São José pude perceber o quanto a Educação Infantil por partes dos pais é vista como higienista[3], entendida pelos pais como se o cuidar fosse mais importante do que o ensinar e a mulher tem todos os quesitos necessários

[3] O modelo higienista, historicamente elaborado, de trabalho em creches e pré-escolas, por outro lado, defende a formação de puericultores ou de berçaristas, como conhecimentos e habilidades voltados ao desenvolvimento físico das crianças. Por sua vez, o modelo recreacionista de educação infantil propõe o preparo de animadores culturais e especialistas em lazer para orientar a infância naquelas instituições. Já o modelo escolar advoga a presença de professores polivalentes que interajam com as crianças desde o nascimento. (OLIVEIRA, 2005, p. 24).

para desenvolver tal função, não entendendo que a Educação Infantil não é um espaço higienista e sim de desenvolvimento motor, psico, físico, entre outros, da criança. Fazendo com que as barreiras sejam quebradas e mostrando a importância do professor homem na docência infantil.

> Trabalhar com a higienização, alimentação, formação de valores e todos os aspectos que constitui uma Educação responsável e comprometida, independente do sexo da pessoa. Uma formação sólida concede segurança e total habilidade ao profissional para lidar tanto nos momentos considerados pelas famílias como mais delicados – como as trocas higiênicas das crianças com deficiência, ou a higienização dos pequenos que ainda precisam de ajuda dos adultos, quando nos mais triviais da rotina escolar. A insegurança de pais em relação aos filhos é sempre legítima por serem eles nosso maior tesouro. No entanto, o que está em jogo sempre serão a competência e o conhecimento do profissional. Esses sim são os aspectos que devem ultrapassar as questões de gênero e serem conclusivos nos processos de contratação de quaisquer que seja o profissional. (Diretora da Escola Eliza, 2018).

> Ainda é um tabu a presença de professores homens atuando na docência da Educação Infantil, pois historicamente essa função é delegada as mulheres pelo fato de serem crianças pequenas e necessitarem de cuidados específicos, mas acredito que homens também podem desenvolver essa função. (Professor Fábio, 2018).

Analisar as relações de classe e gênero são fundamentais para que se entenda essa relação, entretanto a luta pela inserção no mercado de trabalho faz desse campo de trabalho propício para a atuação de mulheres.

> Mas não se trata apenas da presença do sexo feminino, a entrada das mulheres no magistério deve ser examinada a partir das relações de classe e gênero. Podemos então lembrar que se trata de um dos primeiros campos de trabalho para mulheres brancas das chamadas classes médias, estudiosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe, mas também protagonistas da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica. (VIANNA, 2013, p. 164).

E essa inserção das mulheres no magistério inicia com as mulheres brancas, das classes médias e estudiosas é bom ressaltar que a docência não era para todas as mulheres, mas para aquelas que se encaixavam na idealização perfeita da profissão.

Com isso, o espaço da Educação Infantil deve ser democrático e participativo é fundamental para abrirmos novos horizontes no fortalecimento de uma educação de qualidade, que seja capaz de desenvolver junto a sociedade pensamentos, críticos, construtivos e participativos no que diz respeito à igualdade de gênero dentro do contexto escolar, fazendo com que a presença do professor homem seja visto como uma alternativa

para a  mudança e construção de um novo projeto que inicialmente era da mulher ocupando a docência na Educação Infantil.

Problematizar a polarização de gênero implica entender o quanto é fragmentado, entendendo que nem todos são idênticos entre eles, e essa diferença na unidade interna entre homens e mulheres é fundamental para que possamos compreender que até mesmo os polos não são hegemônicos e sim plurais.

> Descontruir a polarização rígida dos gêneros, então, significaria tanto a oposição entre eles quando a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o polo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que a cada um desses polos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe *a mulher*, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras). (LOURO, 1997, p. 31).

Homens e mulheres são todos colocados a prova sobre suas diferenças, evidenciando o domínio biológico, ou seja, o domínio sexual. É necessário que aprofundemos essa questão, já que ela passa ser compreendida, admitida e repetida pelos setores mais tradicionais, fazendo com que as relações de poderes existentes nesses discursos se constitua em desigualdades.

Em uma sociedade onde as desigualdades ente homens e mulheres são vista como algo natural, o poder exercido se constitui em diferença, colocando em jogo a desigualdade de gênero presente até hoje. Mostrando que a relação de poder se dá de forma heterogênea, fixando um discurso de superioridade de gênero masculino sobre o feminino. Segundo Louro (1997, p. 45), “mas o que estava centralmente implicado em todas essas discussões eram as relações de poder que ali se construíam e se pretendiam fixar, que era considerada diferente, o que significava ser diferente. O que estava em jogo, de fato, eram desigualdades”. Onde o discurso nos mostra claramente a relação de poder existente nas relações de gênero.

Afastando a pluralidade de gênero, em uma sociedade carregada de pré-conceitos, quando um homem ou uma mulher se afasta da forma hegemônica de sua sexualidade são submetidos as práticas discriminatórias sociais.

> Em se tratando da docência no Ensino Fundamental, o processo de feminização do magistério passou a ser visto como um aspecto referente às relações de gênero presentes nas ações coletivas, organizadas ou não por mulheres. Esse processo expressava a divisão sexual do trabalho e a reprodução de um esquema binário que situava o masculino e o feminino como categorias excludentes e que dava sentido à história de professoras e professores e às suas práticas escolares. (VIANNA, 2013, p. 159)

As diferenças nas relações de gênero e ações entre mulheres e mulheres tornaram-se excludentes, expressando a reprodução de um magistério feminizado e consequentemente a divisão sexual do trabalho.

A questão de gênero não interfere na docência da E. M. E. I. F. São José, o professor homem tem uma atuação que correspondente ao processo de ensino/aprendizagem, todas suas atividades visam sempre o desenvolvimento da criança fazendo com que a relação entre os docentes seja harmônica, a relação de respeito e cooperação entre os profissionais dá grandes resultados e, o principal, as crianças saem ganhando porque podem ter um homem atuando com elas, contribuindo para que a ideia de diversidade seja fortalecida no contexto escolar e não escolar. A política nacional de educação é fundamentada na perspectiva de atuação do professor homem na Educação Infantil, reforçando a identidade de gênero e a necessidade de se estudar a relação de gênero presente na Educação Infantil desde o professor até mesmo aos alunos/as que fazem parte do processo ensino/aprendizagem.

> A discussão das questões de gênero na educação infantil se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas. Demandam a incorporação de práticas educativas que introduzam conscientemente, como estratégia de socialização, a meta de igualdade de gênero. Porque o sexíssismo afeta o crescimento de meninos e meninas, inibindo muitas manifestações na infância e impedindo que se tornem seres completos. (FARIA 2011, p. 63).

Não respeitar a pluralidade de gênero na escola é fazer com que as crianças se desenvolvam de forma oprimida e sexista, a diversidade de gênero na docência infantil é fundamental para a construção da identidade das crianças. A introdução da discussão de gênero na escola abre a possibilidade de se ter uma educação mais igualitária.

Tornando permanentes as discussões das questões de gênero nas escolas, já que a concepção de que a docência infantil é voltada somente para a mulher é construída historicamente.

> Fazendo com que a concepção histórica da docência voltada somente para a mulher (materno). Hoje em dia já vem se rompendo no que diz respeito a orientação sexual, cada criança é constituída de uma história, de valores, então a escola, o professor tem esse desafio de ensinar até o ponto de não influenciar e permitir que atitudes preconceituosas sejam manifestadas. Particularmente eu tenho uma concepção de orientação sexual, de gênero, todavia respeito e não admitindo que a minha ideia se torne um imperativo para outros. Tudo é uma questão de escolha, liberdade e temos que desde o início deixar bem claro para a criança. (Professora Tália, 2018).

Sabendo que não existe ideologia de gênero e que cada indivíduo tem uma concepção sobre sexualidade é importante compreendermos que não podemos jugar aqueles ou aquelas que tem orientação sexual diferente da dita padrão pela sociedade sexista. Esse é o papel do professor, aceitar as diferenças, incluir nas aulas a discussão acerca dessa temática tão importante para a formação de indivíduos conscientes. Formamos pessoas e a formação carece de diálogos e compromisso social. A formação profissional do educador infantil não é apenas acadêmica, mas também da própria experiência da interação com o cotidiano da sala de aula, entendendo que ela não se dá de forma isolada.

> A profissionalização do educador infantil, todavia, não está ligada simplesmente à formação, mas ocorre também com a experiência, com a aprendizagem cotidiana, com as interações constituídas com diferentes atores e que conduzem a formas de intervenção em situações específicas. Não é um caminho a ser trilhado individualmente, mas um processo grupal de aperfeiçoamento que continua por todo o período de atuação do profissional. (OLIVEIRA 2005, p. 30).

Muitos dos problemas sociais seriam evitados se o estudo de gênero ocorresse de fato em nossas escolas. Vivemos em uma sociedade carregada de pré-conceito e o homem na Educação Infantil sente na pele o quanto a formação sobre gênero faria grandes diferenças na formação de cidadãos consciente.

> O que é mais engraçado nos cursos em que eu participo é quando eu me apresento como professor da Educação Infantil, algumas professoras de outras escolas se aproximam de mim e querem saber como eu trabalho e como é a minha relação com os pais dos alunos. (Francisco, 2018).

Compreendendo que a tarefa do educador é a formação de indivíduos reflexivos da sua própria prática enquanto ser social, desconstruindo paradigmas existentes em sua atuação profissional. A escola tem um importante papel nas desconstruções dos estereótipos de gênero, por compreendermos que é imprescindível tanto a atuação masculina quanto feminina nessas instituições de ensino, contribuindo na formação sobre sexualidade com as crianças, todo profissional tem direito e o dever de contribuir com a formação de crianças se assim for da sua vontade, pois a escola tem o dever de garantir a igualdade de gênero, com isso a necessidade de se ter abertura da escola para atuação de docentes masculinos.

A docência masculina na Educação Infantil é importante para que se entenda que a relação entre homens e mulheres é estabelecida nas relações de poder, há sempre embates. Fazendo com que a profissionalização seja cada dia mais presente em nossas escolas, e a sociedade sexista vai deixando mais de reproduzir os comportamentos dos séculos passados e

privando homens e mulheres de exercerem as profissões que desejam, independente se é masculina ou feminina.

## 3- DOCÊNCIA MASCULINA EM UMA SOCIEDADE EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

Trataremos nesta seção da Docência masculina em uma sociedade em constante transformação, mostrando que as mudanças ocorrem em um ritmo tão acelerado que não dá tempo de fazermos uma reflexão crítica do sistema à qual estamos inseridos/as. Fazendo com que esteja inserido em um espaço de constantes transformações partindo do princípio de que é necessário questionar a exclusão por conta de gênero, cor, credo religiosos ou opção sexual, entre outros, e que homens podem ensinar crianças destacando os desafios e os limites enfrentados por este profissional no exercício da docência e as relações existentes entre os diferentes sujeitos, refletindo a importância do professor homem na Educação Infantil.

### 3.1 Docência masculina em um espaço de constantes transformações

Vivemos em uma sociedade que a todo momento está em transformação, de forma tão rápida que não dá tempo de uma reflexão mais profunda sobre o sistema a qual nos é imposto. Partimos do princípio de que é necessário essa transformação questionado, a hipocrisia que avança devorando tudo como um cão feroz, da falta de dignidade aos que precisam, do preconceito de gênero, do racismo de cor, credo e opções sexuais, como se tudo isso fosse normal.

A mídia usa de seu poder para ditar regras sobre nossa identidade, fazendo com que sejamos meros expectadores das transformações sociais. Uma transformação que em vez de incluir, exclui, causando a feminização da Educação Infantil e um grande distanciamento do gênero masculino, essas mudanças repentinas fazem com que o espaço educacional seja segregado entre homens e mulheres. Viver essa transformação requer a compreensão que somos antes de tudo seres humanos capazes de transformar um determinado espaços ou até mesmo levar a ruina o mesmo.

Quando as relações gênero e sexualidade não são compreendidas pelo educador, a educação de crianças correm sérios riscos, já que sua formação não se dará em sua integralidade, contribuindo assim para o aumento de uma sociedade preconceituosa, capaz de ver as pessoas como objeto e não como seres de transformações sociais, em um contexto complexo e dinâmico. E a docência masculina em um espaço de constante transformação tem a necessidade de olhar as particularidades e o coletivo das relações de poder existente na escola nessa dinâmica que muda a todo momento, e o professor torne-se mediador desse

processo que as vezes é conflituoso, já que está lidando com crianças, e esses indivíduos já carregam consigo uma bagagem cultural muito grande.

A sociedade vê o homem nesse processo como incapaz de lidar com as divergências que venham ocorrer dentro de sala de aula, pois, não tem o jeito e o cuidado que a mulher tem, para lidar com tais situações dentro do contexto escolar. Com isso, o docente masculino é visto como estranho. E com um grande potencial para praticar agressão contra as crianças, já que é considerado um abusador em potencial ao contrário da mulher que se avalia ter todas as competências para cuidar do corpo das crianças.

> É nítida a ideia de que a sexualidade é algo pertencente ao mundo masculino e inexistente no feminino, na direção do que postula Williams (1995). O que "capacita" as mulheres a tocarem nos corpos das crianças e gera a desconfiança quanto ao abuso dos homens é que as primeiras controlariam sua sexualidade, enquanto os homens seriam incontroláveis. Mesmo nas mulheres e, pelas representações que emitiram, evidenciei a incorporação da crença de que os homens são sempre ativos sexualmente, pois são educados para esse fim, reproduzindo essas posturas no cotidiano da creche. (SAYÃO 2005, p. 32).

Tal situação contribui para a propagação da ideia de que a sexualidade pertencesse aos homens e não às mulheres, logo não teria toda essa desconfiança no cotidiano das escolas, pois conseguem controlar sua sexualidade afirmando assim a crença de que os homens são ativos sexualmente e as mulheres não. Não se entende que todo e qualquer ato ou omissão praticado por qualquer pessoa é violência, inclusive por pais, parentes ou responsáveis, passando toda responsabilidade ao docente masculino, fazendo com que a responsabilidade da escola e do docente seja cada vez maior, perante os conflitos sociais.

Para Azevedo e Guerra (1998)

> [...] todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsável contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz de causar danos físicos, sexual e/ou psicológico à vítima – implica, de um lado, uma transgressão do poder/deve de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condições peculiares de desenvolvimento. (p. 32-33).

Com isso, qualquer ato ou omissão praticada contra crianças ou adolescentes que cause danos aos mesmos é violência e deve ser combatida veementemente nas escolas. Não se pode negar direitos às crianças e adolescentes por suas condições peculiares de seu desenvolvimento. A escola tem papel fundamental na prevenção de atos de violência ou até mesmo diagnosticar tais situações.

Estamos imersos em grandes transformações sociais e é fundamental que haja questionamentos sobre ideias e visões preconceituosas existentes sobre a docência masculina,

sobretudo quando o professor homem é rotulado como vilão da história nos faz entender que é urgente compreendermos o que de fato é uma educação democrática e emancipatória. Os estudos de gênero nas escolas nos dará a possibilidade de termos uma sociedade mais humana e fraterna quando entendermos que as diferenças são fundamentais para que possamos ver todos/todas sem pré-conceitos. Fazer da diferença instrumento de transformação social onde a cor não defina gênero, e que o estudo dessa temática não seja criminalizado pelo modelo sexista, machista de uma academia patriarcal e que a responsabilidade em cuidar de crianças e/ou adolescentes seja de todos e não apenas de professores/professoras.

O contexto social e as experiências infantis são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, e o educador/a não pode descartar todo esse cabedal de conhecimento trazido pelas crianças para a sala de aula, a realidade cultural em que as crianças vivem, são fundamentais no desenvolvimento dos seus valores que orientam suas vidas, dessa maneira as experiências inicias contribuirão em suas trajetórias de vida futuras.

Para Oliveira (2005)

> Em contextos complexos e dinâmicos, como os existentes nos centros urbanos brasileiros, as crianças podem encontram múltiplos, competitivos e mesmo conflitantes ambientes de desenvolvimento como parte da vida cotidiana normal. O valor das experiências infantis e os "perigos" e "benefícios" de seu ambiente não pode, assim, ser separados da realidade cultural em que as crianças se desenvolvem, dos valores e objetivos que orientam suas vidas, suas experiências iniciais e trajetórias futuras. (p.168).

As crianças vivem em contextos complexos e dinâmicos, e isso deve ser trabalhado pelos educadores/as, já que não se pode separar as experiências vividas pelas crianças do ambiente escolar. Elas/eles trazem valores consigo e isso deve ser levado em consideração, pois valorizar tais experiências é fundamental para sua formação e desenvolvimento.

Compreendendo que as experiências vividas e experimentadas pelos indivíduos são fundamentais para sua formação, as instituições de Educação Infantil contribuirão decisivamente para as futuras gerações, fazendo com que as instituições sejam de fato parte efetiva da vida da criança, contribuindo para que as futuras gerações tenham uma formação pautada nos princípios da equidade, que não importe a opção sexual o importante é que todos/todas tenham o mesmo tratamento pela instituição independente de cor, credo religioso, sexualidade, que a escola seja integradora capaz de ver as diversidades como ponto positivo para o convívio e a formação dos pequenos, mostrando aos mesmos o real papel do cidadão que é capaz de se despir dos seus preconceitos e assim, contribuir para transformar o contexto social enraizado da Educação Infantil.

> Há que reconhecer que, se as instituições de educação infantil enraízam-se em uma cultura, contribuem para transformar o contexto cultural. Daí a importância de avaliar a qualidade do trabalho por elas realizado. Essa qualidade, sem dúvida, depende do que é pretendido para as futuras gerações, ou seja, de um projeto político elaborado pelas comunidades escolares. (OLIVEIRA 2005, p. 168).

A comunidade escolar é fundamental para a qualidade do trabalho desenvolvido pelas instituições de ensino levando as demandas da sociedade para dentro do contexto do projeto político pedagógico e juntos possam elaborar e executar as ações propostas, fazendo com que a transformação do contexto social e cultural seja exercida e garantida às futuras gerações.

Abdicar de usar discursos sexistas contra as pessoas que divergem de nosso modo de pensar e agir faz-se necessário já que a sociedade confere significados às suas práticas, legitimando a cultura mais justa e igualitária nas questões de gênero. E esse discurso tem uma intencionalidade que é capaz de tornar a prática violenta, muitas vezes física, psicológica, emocional, entre outros. O que deve ser questionada na escola não é a presença do professor homem na docência e sim o quanto a sua presença nesse contexto de sala de aula contribui para a formação das crianças. A docência masculina nesse espaço de constantes transformações nos permite compreendermos o quanto é importante resistir e se fazer presente nesse espaço de transformação social. E essa relação entre os indivíduos será fundamental para que as transformações sejam entendidas de forma harmônica entre os envolvidos/envolvidas nessa pluralidade que é a educação. A presença desse profissional homem na educação infantil contribui decisivamente para minimizar outros tipos de diferenças entre homens e mulheres, e assim aumentar o envolvimento de docente masculino na docência da Educação Infantil.

> Quanto maior o envolvimento de homens na Educação Infantil aumentaria a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem de que esta etapa da educação básica é um trabalho apenas para as mulheres, alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e, quem sabe, melhorando significativamente os salários e o *status* da carreira. (SAYÃO, 2005, p. 26).

Essa discussão nos leva a acompanhar de perto o quanto toda essa transformação e movimentação constante da sociedade interferem diretamente nas profissões e precisamente na docência com crianças, em uma sociedade que se transforma e que a cada dia surge uma nova demanda social. Tudo isso, faz com que as relações existentes sejam colocadas a prova e o estudo sobre relação de gênero na Educação Infantil do Município de Abaetetuba, contribuirá decisivamente para que possamos dar novos horizontes a educação de crianças.

Nesse campo feminizado o homem tenta “furar a barreiras de gênero” e adentrar nesse campo que é predominantemente feminino, enfatizando que a Educação Infantil surge das lutas travadas por mulheres, na necessidade de atender suas demandas.

Os homens estão tentando se inserir nesse contexto marcado pelas diferenças existentes entre gênero. Enfatizando como esses sujeitos se relacionam e resistem juntos aos diferentes problemas impostos pela comunidade escolar, uma relação que nem todas as vezes é harmoniosa, mas que deve ser de respeito profissional, já que a escola é um ambiente de conflitos sociais e principalmente de poder entre os indivíduos. Ainda que o espaço da Educação Infantil tenha características que divergem a igualdade de relação de gênero, podemos enfatizar que a pluralidade nesse contexto é fundamental para que as transformações ocorram em nossa sociedade.

A escola é o lugar propício para se enfatizar o quanto é importante a presença do professor homem na docência, pois é necessário que se dê voz e vez para este profissional. Analisando as mais diversas perspectivas sociais decorrentes das relações estabelecidas com e entre os diferentes sujeitos, fazendo dessa relação instrumento de igualdade social, o homem nesse espaço de grandes transformações é capaz de se inserir, transformar a realidade vivida na profissão.

Esta pesquisa pode contribuir para o aumento significativo da presença masculina na docência da Educação Infantil no Município de Abaetetuba, compreendendo que a inserção não é fácil, pois os estereótipos da docência fazem com que muitos professores homens se afastem da Educação Infantil. Em uma sociedade em constante transformação, ficamos nos questionando como seria importante que essa discussão sobre gênero na Educação Infantil, principalmente sobre a presença de homens na docência de crianças, seria fundamental para compreensão de uma educação transformadora capaz de dialogar com os mais diversos segmentos presente em nossa sociedade. Trabalhando a diversidade dentro do contexto educacional para que tenhamos futuros cidadãos comprometidos socialmente, buscando uma proposta curricular que seja mediadora entre a realidade cotidiana, as concepções, os valores, as necessidades, seus conflitos e os desejos de cada indivíduo, potencializando o discurso de mudança social.

> O currículo não pode ser entendido como um plano individual predeterminado. É um projeto coletivo, uma obra aberta, criativa e apropriada para o “aqui-e agora” de cada situação educativa. Ocorre com base na análise dessa situação, no estabelecimento de metas e de prioridades, no levantamento de recursos, na definição de etapas e atividades básicas, na reconstrução do projeto na intenção (*inter-ação)* com as crianças, na verificação de aspectos do seu comportamento que se vão modificando no

> decorrer do processo. Envolve sensibilidade e uma visão de criança como alguém competente e com direitos próprios. (OLIVEIRA 2005, p.169).

O romper com a história tradicional do isolamento e a descontextualização das atividades, será fundamental para que a Educação Infantil seja inovadora e comprometida com o desenvolvimento e competências das crianças, com isso, o planejamento é importante para que possamos transformar tais práticas. Inovando mas sempre respeitando e adequando a prática sobre a realidade da criança, pois, cada indivíduo traz consigo um cabedal de informação que serão fundamentais no processo de ensino/aprendizagem.

> O planejamento curricular para creches e pré-escolas busca, hoje, romper com a histórica tradição de promover o isolamento e o confinamento das perspectivas infantis dentro de um campo controlado pelo adulto e com a descontextualização das atividades que muitas vezes são propostas às crianças. Tarefas ritualizadas de colorir desenhos mimeografados, de colocar bolinhas de papel em folhas e outras são, com isso, substituídas por atividades de pesquisa, de troca de opiniões, de expressão pessoal. (OLIVEIRA 2005, p. 170).

As práticas reflexivas são fundamentais para que possamos promover dentro do ambiente de sala de aula inclusão e respeito às diferenças, estudar temas transversais desde a Educação Infantil nos instrumentaliza para a transformação social, capaz de intervir diretamente na formação de pessoas críticas e comprometidas com a sociedade. No contexto diverso e plural que é a educação de crianças, a presença masculina na docência da Educação Infantil nos recorda a resistência de gênero em sua atuação.

Quando a família não entende que a Educação Infantil não é apenas lugar de professoras mulheres e que homens também podem atuar na docência estão contribuindo decisivamente para o aumento de preconceitos nas escolas, pois o gênero não define quem é mais ou menos competente, sendo o homem com formação em Licenciatura tão capaz quanto à mulher. A inovação sempre será bem-vinda quando diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem torna o ambiente escolar atrativo e prazeroso para as crianças. E que as transformações socialmente ocorridas façam de fato a escola lugar de inclusão tanto do professor homem que está atuando com as crianças em sala de aula, quanto os profissionais que pretendem ingressar para a docência, que possam de fato encontrar na Educação Infantil o lugar para desenvolver sua profissão responsável e comprometido com o ensino/aprendizagem dos pequenos, em um espaço de relação de poder que é a docência na Educação Infantil. O professor homem é capaz de desenvolver tal função, sem que haja interferências negativas no aprendizado das crianças.

### 3.2 Homens ensinando crianças

Ao longo da pesquisa na Educação Infantil na Escola São José percebi relações pontuais acerca da presença do professor homem na escola. Primeiro que o profissional não atua como professor regente das turmas, mas sim como professor itinerante da escola, passando por todas as turmas em um período de duas horas por dia, desenvolvendo seu trabalho na ausência dos/as professor/as que estão na hora atividade, nesse momento com a turma o professor desenvolve atividades de recreação, lúdicas, entre outras. Emergindo questionamentos e interrogações sobre a atuação de professores do sexo masculino com crianças pequenas, passando uma sensação de ser um sujeito *fora do lugar,* já que o restante dos profissionais é do sexo feminino, destacando os desafios e os limites enfrentados por este profissional no exercício da docência e as relações existentes entre os diferentes sujeitos em um espaço de constantes transformações. Fazendo com a prática do professor seja exercida de forma controlada e direcionada aos alunos/alunas, compreendendo que o educar/cuidar não seja uma dificuldade tanto para os professores homens quanto para professoras mulheres, sem que haja uma polarização entre o campo da afetividade e da racionalidade, do cuidar e do educar.

Montenegro (2001) afirma que:

> A cisão entre o considerado racional (educar) e irracional ou emocional (cuidar) se reveste de conotação hierárquica, uma vez que na educação infantil encontramos atuando, muitas vezes conjuntamente, a auxiliar que "cuida" (limpa, troca, dá comida, acalma, atende às necessidades efetivas, etc.) e a professora que desenvolve atividades pedagógicas (transmite conhecimentos sistematizados, programa atividades, trabalha a cognição) Ressalte-se, ainda, que a educação infantil, dentre as profissões que cuidam, potencializa o fator emocional, já que envolve relações interpessoais entre profissionais e crianças bem pequenas, tornando ainda mais paradoxal a cisão entre o cuidar e o educar. (p. 31).

Fazendo com que a atuação na Educação Infantil seja carregada de desafios e o ato de ensinar as crianças causa estranheza, pois as famílias e até mesmo os/as profissionais não estão preparados para lidar com esse novo momento que a educação passa em nosso país, onde a intolerância cada dia mais se faz presente através das práticas do cuidar, já que o profissional tem que ter jeito e ser do sexo feminino para desenvolver tal tarefa.

Ensinar crianças pequenas vai além das competências que a docência proporciona, o professor tem que saber lidar com todas as situações que possam ocorrer dentro do ambiente escolar, possibilitando compreender de que forma a escola vê o trabalho docente do professor homem, e o quanto é importante para a formação das crianças. O medo por ter um professor

atuando na Educação Infantil, faz com que muitos diretores/diretoras tenham certa barreira de preconceito contra este profissional, sem compreender que o profissionalismo e competências que estão em jogo, e não sua a capacidade de higienizar as crianças, fazendo com o discurso de que homens não podem ensinar crianças se legitime em uma sociedade sexista, patriarcal.

O professor Francisco contribui com o aprendizado dos menores na Escola São José, pode-se perceber o quanto o professor desenvolve atividades diferenciadas tornando o processo ensino/aprendizagem mais prazeroso e dinâmico, desenvolvendo uma prática profissional que supera suas próprias visões de preconceito, e faz com que a visão de que homens não podem ensinar crianças se torne insustentável diante da própria escola, e a instituição olhe o profissional com respeito e dignidade diante de uma profissão tão nobre que é a de educar, estando comprometido com o desenvolvimento em sua plenitude, preservando a identidade docente no contexto da diversidade, e não tornado um campo de batalha a docência com crianças pequenas.

O papel da escola é fazer com que a diversidade de gênero esteja presente de fato no Projeto Político Pedagógico e estudado dentro do contexto de sala de aula, quebrando paradigmas de que a docência na Educação Infantil seja apenas feminina. A mediação do homem ensinado crianças é fundamental para que o estudo de gênero seja de fato discutido dentro das escolas, o professor não ensina a criança ser homem ou mulher ou vise versa, o que está em discussão é o respeito pelas diferenças de cada indivíduo e que cada um tem a liberdade de ser o que quiser. E isso sim precisar ser respeitado por todos nós, a escola tem papel fundamental porque traz essa discussão para dentro do ambiente educacional, e isso fará a diferença na formação desses novos cidadãos que futuramente serão adultos comprometidos com a sociedade à qual vivemos, questionando e contribuindo para o estudo de gênero e desconstrução de preconceitos presentes no ambiente da Educação Infantil que cada vez mais oprime, mata e devasta as minorias. Homens na docência da Educação Infantil tornam-se cada dia mais necessário, pois compreender que esse espaço não pode ser homogêneo é compreender que a Educação Infantil é plural de gênero, isso faz com que muitos dos problemas sociais pudessem ser evitados.

A docência de crianças pequenas requer uma dinâmica diferenciada por parte do docente, já que está trabalhando com as necessidades de cada indivíduo dentro do ambiente da Educação Infantil e cada um tem suas necessidades especificas e saber lidar com as particularidades é fundamental para desenvolver um bom ensino/aprendizado. Fazendo com que esse universo da docência infantil seja prazeroso ao professor, já que o ato de ensinar

requer paciência, diálogo e comprometimento de cada docente, seja ele masculino ou feminino. Construindo uma relação harmônica entre as partes envolvida nesse processo educacional, isso será fundamental para o desenvolvimento profissional e humano dos discentes e alunos que estão iniciando suas vidas nesse universo cheio de descoberta que é o do conhecimento.

O Professor Francisco desenvolve sempre brincadeiras o que faz com que as crianças desenvolvam a imaginação e a criatividade, tornado as aulas prazerosas e dinâmicas, o que segundo Oliveira (2005) "abre caminho para a autonomia, a criatividade, a exploração de significados e sentimentos", articulando assim uma educação capaz de intervir na capacidade cognitiva das crianças.

> Ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligados. A brincadeira favorece o equilíbrio efetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma transformação significativa de consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo. Isso ocorre em virtude das características da brincadeira: a comunicação interpessoal que ele envolve não pode ser considerada "ao pé da letra"; sua indução a uma constante negociação de regras e à transformação dos papéis assumidos pelos participantes faz com que seu enredo seja sempre imprevisível. (OLIVEIRA 2005, p. 160).

Possibilitando a interação e o desenvolvimento das crianças favorecendo as relações entre os menores e contribuindo para o processo de ensino aprendizagem.

> A formação para professores a cada ano vem melhorando, pois logo no início quando eu entrei para a docência não tinha tantos momentos formativos como tem hoje. Essa realidade começa a mudar quando as gestões municipais passaram a entender que a educação precisa ser olhada com respeito, dando a real importância para a formação dos docentes. (Franco, 2018)

A formação deve ser permanente, pois quando compreendemos o quanto as crianças ganham com uma boa formação de seus educadores, e que fará toda diferença na formação dessas crianças, isso fará de fato com que a relação teoria/prática seja exercitada e despida de atitudes preconceituosas, contribuindo para a inclusão de profissionais dentro do ambiente educacional, tornado o processo de ensino/aprendizagem capaz de intervir diretamente na formação das crianças; isso nos faz refletir sobre o verdadeiro papel do professor enquanto educadores/as dentro do contexto de diversidades que é a escola. Atuar nesse espaço não é fácil, pois compreender e se despir das mais diversas formas de preconceito enraizado em nós seres humanos não é tão fácil assim.

Portanto, a formação continuada para os docentes é primordial para que a intervenção dentro de sala de aula seja feita de forma progressiva dentro da perspectiva educacional com elementos que entenda as representações e as práticas exercitadas pelas mais diversas profissões e isso faz com que cada uma tenha sua peculiaridade e objetivos diversos. A profissão nos encoraja para a necessidade de conhecermos e promovermos a compreensão de que os direitos são de todos/todas.

Entendendo que a Educação Infantil por sua constituição histórica é marcada por preconceitos que são produzidos e propagados até hoje, isso faz com que a responsabilidade dos professores homens atuando com crianças pequenas seja maior, pois além de atuar na formação de sujeitos é decisivo para a reprodução de relações de gênero dentro das escolas.

> Para ele, a formação das novas gerações não significa o adestramento de pequenos selvagens por meio de um trabalho em linhas de montagem nem a clonagem simbólica de seres humanos. A criança não é, nessa perspectiva, um dependente do seu universo simbólico, daquilo que ele lhe impõe como o certo, como a verdade, como formas de ação a serem imitadas, ignorando o divergente e a contradição. (OLIVEIRA 2005, p. 51).

Fazendo com que o estudo de gênero seja permanente na docência infantil e o ensino de menores seja transformador, cabendo ao professor criar oportunidades para que as crianças exerçam experiências e aprendizagem capaz de valorizar nas crianças, a sua construção de identidade pessoal e social.

> Cabe, pois, ao professor, com seu olhar atento, seguro e disponível, acompanhar as diferentes formas pelas quais a criança, desde o nascimento, se indaga sobre o mundo e sobre si mesma, trilha diversos universos simbólicos, transita entre a cultura erudita e a cultura popular, imerge em situações diversas e emociona-se com o belo e contra a violência, ao mesmo tempo em que vibra com descobertas e reconhecer obstáculos. (OLIVEIRA 2005, p. 51).

A experiência de ensinar crianças faz com que o educador transforme o seu trabalho colaborativo e coletivo, na perspectiva de construir e produzir em conjunto a transformação social necessária para que a educação seja transformadora capaz de exercitar o pensamento crítico, sobre o real papel da educação.

### 3.3 Homens na docência infantil: desconstruindo medo e preconceitos

O professor homem é fundamental para que a Educação Infantil seja inclusiva, e a presença deste profissional faz com que a resistência de gênero seja compreendida dentro das possibilidades de transformação das relações no ambiente escolar, existindo dentro da relação

de gênero uma expectativa de que o homem não assuma a docência de crianças pequenas, e se ele assumir que logo desista e até mesmo não consiga realizar o trabalho proposto. Portanto, a permanência dos professores homens na docência infantil é fundamental para descontruir visões errôneas e preconceituosas acerca da presença de homens atuando com crianças e a desmistificação de o mesmo ser um abusador em potencial.

Birman (1997):

> Assim, nos primórdios da investigação psicanalítica até os anos de 1915 e 1920, o infantil se identificava com o registro da sexualidade, isto é, com o campo do desejo e com o que era regulado pelo princípio do prazer. Após os anos 1920, em contrapartida, o infantil passa a ser circunscrito como o que não pode ser erotizado e como o que é regulado por um além do princípio do prazer. Vale dizer, o infantil passa a ser identificado com o real da angústia e com trauma, com aquilo capaz de lançar o sujeito no desamparo e de promover seu esfacelamento. (p.24).

O estereótipo do educador masculino ser um abusador em potencial faz com que a Educação Infantil seja vista como um espaço de transgressão, erotização e abuso sexual dos/das menores. E a presença de docentes masculinos na Educação Infantil contribuirá para a quebra de preconceitos de gênero na decência com crianças.

Compreender a sua real importância para o ensino/aprendizagens dos menores faz com que seja significativo ter o professor homem na Educação Infantil, seu papel como educador vai além da sala de aula contribuindo decisivamente para a formação de cidadão, com isso, o educador tem muito a contribuir com a sociedade. O trabalho realizado pelo professor homem da E. M. E. I. F. São José é valorizado pela Comunidade Escolar, pois ele consegue fazer com as crianças construam autonomia para desenvolver suas atividades dentro e fora de sala de aula.

> Meu filho melhorou muito quando começou a estudar com o professor, pois eu percebo o quanto ele perdeu o medo de fazer as coisas. Hoje ele faz as tarefas tanto da escola com lá em casa com vontade, isso me alegrou porque ele não é mais tão dependente como era antes. O professor desenvolve práticas que faz com que o aluno adquira sua independência, isso é muito bom, e eu como mãe admiro muito o trabalho dele, desde a forma como ele conversa com os pais e principalmente como trata as crianças, sempre com carinho e afeto. (Mãe Maria, 2018).

Compreender sua importância como educador é fazer desse ambiente lugar que nos habilitam a ressaltar que o ambiente de trabalho está para além das diferenças de concepção, marcadas pelas diferenças de gênero, onde a identidade dos sujeitos é plural. Assim, o estudo de gênero é atravessado por outras categorias como raça, etnia, religião, sexo, cor, entre outras, indicando que “a profissão de educador infantil” não pode ser considerado apenas com

o trabalho feminino. Cabe ao professor com sua capacidade formadora ser compreendido o quanto é fundamental ter homens atuando no contexto da educação de crianças. Dessa forma, as mudanças ocorridas na educação contribuem fundamentalmente para reforçar o debate das questões relacionadas às diferenças de gênero. Pois, ensinar crianças pequenas não se restringe apenas ao gênero feminino, já que a E. M. E. I. F. São José tem um professor homem na docência com crianças desenvolve seu trabalho, mostrando que para ensinar crianças não importa o gênero, mas sim o comprometimento e profissionalismo de cada docente.

Isso faz com que a escola esteja comprometida com a inclusão e principalmente exercendo seu papel social diante de uma situação conflituosa que é a docência masculina na Educação Infantil. Entende-se o quanto deveria ter mais profissionais homens nesse universo que é a docência infantil, compreendendo que não basta apenas ter apenas o profissional atuando é necessário que o próprio faça-se protagonista da sua própria história, na certeza que a luta é todo dia, tanto dentro de sala de aula, como fora dela, pois a sociedade exerce influência diretamente sobre a escola, impondo o que é certo e errado dentro do ambiente educacional.

O estudo de gênero e a presença do homem nas unidades de ensino contribui para que possamos compreender que a Educação Infantil é lugar de desconstrução das mais diversas formas de preconceito existente, seja ele de raça, cor, sexo, entre outros. Sendo que as crianças começam a entender que vivemos em uma sociedade de diversidades e isso faz com que cada pessoa seja diferente uma da outra e que essa diferença não poder ser vista com desrespeito cabe a cada um respeitar e saber conviver com o diferente.

A escola nos proporciona conhecer esse universo, saber respeitar nos leva à reflexão de que somos acima de tudo seres sociais. E ao ensinar as crianças cabe ao professor levantar tais questionamentos na certeza que as crianças constroem valores que vem do meio à qual convivem e que fazer uma desconstrução não será tão fácil, mas necessário para a formação de verdadeiros cidadãos.

O professor é sujeito de transformação na vida de crianças, sendo o porto seguro onde as mesmas encontram afeto, carinho, respeito, e isso faz com que sua relação perpasse de um mero docente dentro da sala de aula e passe a ser referência na vida dos pequenos, fazendo da profissão instrumento de intervenção social, isso compreendido na nobreza de sua atuação dentro do contexto no qual vivemos. Com isso, formando legião de novos sujeitos para a sociedade e essa formação não pode se dar de qualquer forma é necessário que

compreendamos que seremos cobrados para sempre se não der certo tal formação, e cobrado pela grandeza que é exercer a profissão de professor da Educação Infantil em meio a tantas dificuldades que é atuar na docência de crianças pequenas.

A presença deste profissional atuando por 21 anos na Educação Infantil nos remete a compreensão de que resistir é fundamental para que possamos compreender o quanto a sociedade nos dita valores que acabam sendo adotados como parâmetros para nossas tomadas de decisões e a quebras dessas normas e valores é fundamental para que exerçamos de fato a formação de pessoa críticas. E a questão de identidade de gênero vem sendo discutida, pois a revisão de valores passa a ser evidenciada entre aqueles que preferem manter regras e padrões sociais já existentes e aqueles que acreditam na desconstrução de identidades, pois a manutenção desse padrão torna-se distante da nossa realidade.

> A questão da identidade está sendo extremamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma coragem estável no mundo social. (HALL 2005, p. 07).

O estudo de gênero possibilita a discussão de temas que até então não são discutidas dentro de sala de aula, isso faz com que a presença do professor homem na docência da Educação Infantil seja capaz de intervir diretamente na formação das crianças tornado a relação professor/aluno respeitosa e comprometida com o outro. Os valores que nos são repassados de um modelo tradicional faz com que sejamos preconceituosos incapazes de compreender as diferenças, isso nos torna pessoas intolerantes. Mas quando o ensinar perpassa as barreiras da educação tradicional o educando começa a compreender que somos diferentes, em um universo de desigualdades sociais onde a cor, sexo, etnia, entre outros são colocados como normas e padrão sociais.

Fazer com que crianças pequenas sigam caminhos da valorização do outro é primordial para que a educação esteja de fato exercendo seu real papel dentro de um contexto desafios aos quais a todo dia são colocados ao professor dentro de sala de aula, tornado a profissão desafiadora numa perspectiva crítica de sua própria atuação como docente na E. M. E. I. F. São José, fazendo com que a reflexão seja constante dentro dos desafios e demandas que são impostos pela profissão.

Compreender que a transformação das suas próprias práticas enquanto docente são fundamentais no exercício da igualdade de gênero na educação, isso faz com que os obstáculos sejam ultrapassados e os avanços ocorram dentro da formação cidadã.

Admitir que homens atuem na Educação Infantil faz com que a escola tome pra si a responsabilidade de fazer o diferencial dentro do sistema que dita o que é serviço de mulher e homem, com um olhar preconceituoso que oprime as pessoas. E o professor Francisco com tantas adversidades que lhe são impostas faz da sua profissão instrumento que superem barreiras dentro da escola. Isso nos faz ter a certeza, que para ensinar crianças pequenas não depende exclusivamente do gênero feminino, o homem também é capaz de educar os pequenos.

Fortalecendo assim o entendimento de que a escola é o lugar para se iniciar uma nova etapa na vida de cada criança, com a certeza de que a educação crítica é responsável pela transformação social das pessoas, contribuindo com o estudo de gênero nas escolas. E se identificar enquanto professor na sua prática dentro da sala de aula independente se é do gênero masculino ou feminino, pois é fundamental que as crianças desenvolvam suas competências de acordo com as suas possibilidades, fazendo com o professor seja o mediador desse processo educativo e com isso as práticas pedagógicas sejam adequadas à realidade das crianças.

A importância de se trabalhar a formação profissional do educador para que junto ao convívio com os alunos possa avançar no processo de ensino/aprendizagem.

> Penso que deva ser uma questão de identificação, pois há mulheres que não se identificam também no trabalho da educação infantil, pois a educação das crianças segue quatros pilares são eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser. Estes são itens fundamentais para a transmissão da informação e da comunicação adaptada à sociedade e a prática pedagógica deve prever a formação contínua. (Diretora da Escola Eliza, 2018).

A identificação profissional não é vocação, nem depende da identidade de gênero, sexualidade ou etnia. A escolha do campo de trabalho, da profissão se faz a partir das questões sociais, educativas, históricas etc. Com isso, o trabalho docente se faz na certeza de que o ato de educar é uma tarefa árdua na transmissão de conhecimentos elaborados.

O ambiente da Educação Infantil não é tão favorável ao gênero masculino, isso requer uma atenção muito grande no que diz respeito a sua atuação enquanto profissional, mas ao longo da sua trajetória na docência as possibilidades de permanecer atuando como professor são fundamentais para mostrar a capacidade de se construir novos conceitos acerca da profissão, implicando na desconstrução de normas e padrões que limitam sua atuação são

fundamentais para que as transformações sociais ocorram de fato nesse contexto tão diverso da educação de crianças. Compreender a importância de se ter uma educação inclusiva perpassa pela docência da Educação Infantil, pois viver uma relação desigual nos possibilita enxergar o quanto estamos estagnados no que diz respeito à igualdade de gênero.

As relações sociais que são sempre implicadas em relações de poder, conflito e diálogo entre as crianças e o professor na E. M. E. I. F. São José permite-nos compreender o quanto a prática inclusiva é fundamental para o desenvolvimento das crianças nos mais diversos aspectos de diversidade presente na docência. E o comprometimento profissional corrobora para que juntos o professor homem desenvolva o seu trabalho, para que de fato seja ampliado nas mais diversas esferas da Educação Infantil. Para Oliveira (2005), "a situação educativa torna-se com isso o ambiente ideal para o cultivo da tolerância, do combate a preconceitos, do aprendizado com base nas diferenças". (p, 53). Dessa maneira, assumindo a responsabilidade do educar como forma de garantir direitos a todos/todas.

> O importante é garantir a diversidade e a igualdade de oportunidades, o acolhimento a muitas formas de trabalho mais do que a um único modelo de desempenho com o qual todos os outros são comparados, o reconhecimento de uma pluralidade de significados e valores continuamente confrontados nas situações, dentro de uma atmosfera afetiva de estabelecimento de relações diversificadas, na qual a aceitação de cada singularidade seja objeto de atenção. (OLIVEIRA 2005, p. 51-52).

A oportunidade de acolher um professor homem na Educação Infantil é respeitar as diferenças de gênero e exercitar o combate ao preconceito, com isso, fazer desse ambiente da educação, plural de igualdade e oportunizando a diversidade de gênero. Educando para a cidadania crianças pequenas e para o convívio com as diferenças de outros indivíduos, tomando consciência de situações particulares e contribuindo de forma coletiva para a solução.

> Educar para a cidadania envolve a forma de atitudes de solidariedade para com os outros, particularmente com aqueles em dificuldades de superação de atitudes egoístas; implica fazer gestos de cortesia, preservar o coletivo, responsabiliza-se pelas próprias ações e discutir aspectos éticos envolvidos em determinada situação. Inclui, para cada criança, poder se expressar e respeitar a expressão do outro em relação a sentimentos, idéias, costumes, preferências, ser aceita em suas características físicas e morais, receber demonstração de interesse quando não comparecer à creche ou pré-escola, demostrar interesse em saber as razões da ausência de outra criança e criar formas não violentas de solução de conflitos. (OLIVEIRA 2005, p.52-53).

Educar para a cidadania sensibilizando as crianças para aceitar as diferenças existentes, promover a cultura da tolerância e da diversidade, são práticas que fará toda

diferença na formação das crianças em uma sociedade sexista e machista. Compreender o outro nas suas particularidades é fundamental para que possa garantir a igualdade de oportunidade a todos e todas sem que haja exclusão social.

Fazendo com que a educação transforme de fato e desenvolva integralmente as crianças, a plenitude da tarefa do professor não supera a necessidade de se ter pessoas comprometidas com bem comum, ademais, tornado suas atitudes éticas adequadas, garantindo sobre tudo a diversidade e a igualdade de oportunidade a todos/todas.

## 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre “docência e gênero” tem como objetivo analisar o trabalho de um homem na docência na Educação Infantil, sendo esta considerada uma “Profissão Feminina” e problematizar o modo como um docente do sexo masculino no ambiente de Educação Infantil da Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental São José no município de Abaetetuba/Pá é visibilizado pela escola e pelas famílias. A pluralidade de gênero é fundamental para que possamos compreender que a Educação Infantil não envolve apenas o cuidar no sentido materno, mas sim o educar, pois a discriminação e o preconceito praticado contra docentes (homens) na Educação Infantil ainda traz sérios problemas sociais. Desse modo, precisamos nos sensibilizar de que o ser humano deve ser respeitado é fundamental para que juntos possamos superar os desafios de gênero na docência infantil.

A pesquisa constatou que a presença do professor homens na docência da Educação Infantil contribui decisivamente para a formação dos pequenos, pois estes também são cuidadosos, amorosos, sensíveis com as causas das crianças, fazendo com que a relação professor/aluno, aluno/professor seja respeitosa, desconstruindo nos pequenos a visão de que sempre terão professoras (mulheres) na docência.

A escola tem papel fundamental para a inclusão de gênero no seu corpo docente, fazendo com que todos/as os/as profissionais sintam-se bem no ambiente de trabalho. A relação democrática e igualitária entre os/as profissionais é importante na busca por uma Educação inclusiva e não segregacionista.

Respeitar as diferenças entre gênero é compreender que as pessoas devem ser amadas da maneira que são, independentemente de cor, raça, sexo, religião, etnia, considerando que o docente masculino tem formação para atuar com as crianças.

O professor homem no chão da sala de aula assume a postura de ser resistência em um ambiente tão feminizado que é a Educação Infantil, fazendo com a sua presença e permanência neste ambiente seja referência para tantos outros professores (homens) que almejam à docência na Educação Infantil. Entretanto, a história de superação do Professor Francisco na Educação Infantil nos faz compreender que mesmo com tantos avanços na Educação Brasileira, ainda está presente a hegemonia de gênero feminino em nossas instituições de ensino infantil, bem diferente de outros níveis de ensino e de outras épocas históricas.

Através deste trabalho propus descontruir minhas próprias verdades sobre gênero na docência infantil, refletindo criticamente sobre a feminização da docência e trazendo novos olhares aos/as leitores/as sobre a docência masculina com crianças pequenas.

Considero que a docência masculina na Educação Infantil nos mostra o quanto a resistência de gênero é fundamental para que possamos compreender que a discriminação e preconceito tornam a relação conturbada e segregacionista entre homens e mulheres, e nós como futuros pedagogos/as temos a responsabilidade de fazer da nossa profissão instrumento de transformações social e cultural. Compreendendo que não é fácil banir a discriminação do meio social, as transformações e mudanças a qual a sociedade está passando é tão rápida que se não tivermos atentos poderemos causar mais conflitos de gênero. Por fim, não podemos permitir que tais práticas preconceituosas continuem fazendo parte do dia a dia de nossas instituições de ensino e sim possibilitar a desconstrução de visões inclusivas do docente masculino na Educação Infantil é fundamental para a pluralidade de gênero nas Escolas.

## REFERÊNCIAS


ABAETETUBA. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São José.** Abaetetuba, 2018.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Zahar. 1973.

ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito (Org.). **Homens e masculinidades:** outras palavras. São Paulo: ECOS: Ed. 34, 1998.

AZEVEDO, Maria. A.; GUEERA, V. N. A. (org.). **Violência de pais contra filhos:** a tragédia revisitada. São Paulo: Cortez, 1998.

BIRMAN, J. Além daquele beijo!? sobre o infantil e o originário em psicanálise. In: SANTA ROZA, E. **Da análise na infância ao infantil na análise**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). DESLANDES, Suely Ferreira, Neto, Otávio Cruz, Gomes, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** – Petrópolis, RJ: Vozes , 1994, p. 9 - 29.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Apresentação. In: GEPEDISC – Culturas Infantis (Org.) **Culturas infantis em creches e pré-escolas:** estágio e pesquisa**.** Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GALVÃO, Afonso Celso. **Desafios do ensino na educação infantil:** perspectivas de professores. Universidade Católica de Brasília (UCB), 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.10 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, Guacira Lopes **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

MONTENEGRO, Thereza. **O cuidado e a formação moral na educação infantil.** São Paulo: Educ, 2001.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos**.** São Paulo: Cortez, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia. **O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil:** o caso da creche. Texto apresentado na reunião da IPSA (International Political Science Association), Bulgária, 1984.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil:** Um estudo de professores em creche. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, 2005.

SILVA, Angela Cristina Gomes da. **Reflexões sobre o Professor do sexo masculino na Educação Infantil.** 34 f. Monografia (TCC) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2014.

SILVA, Peterson Rigato da. **Não sou tio, nem pai, sou professor**! A docência masculina na Educação Infantil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, 2014.

SOUSA, José Edimar de. **Homem docente com crianças pequenas:** o olhar das crianças de um centro de educação infantil. Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPEd, UFSC-Florianópolis, 04 a 08 de outubro de 2015.

SOUZA, Mara Isis de. **Homem como professor de creche:** sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras:** análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013.

YIN, Robert K. – **Pesquisa de Estudo de Caso** – Designer e Métodos. Sage Publications Inc., EUA, 1989

**APÊNDICE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS**
**FACULDADE DE PEDAGOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**

---

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ilustríssimos Srª. _____

Pesquisas sobre **Docência na Educação Infantil** têm sido desenvolvidas na Universidade Federal do Pará, sob Orientação da Profª. Drª. Vilma Nonato de Brício, visando fornecer aos futuros educadores/as maneiras de propiciar a discussão da temática no ambiente escolar. A pesquisa pretende a constituição da Docência na Educação Infantil visando dar contribuições para melhorar a discussão desta temática.

A pesquisa se realizará com a aplicação de **Entrevistas semi-estruturada**s**, observaçõe**s **e análise** de documentos como PPP e Planos de Ação. As entrevistas serão realizadas com a Direção e Coordenação Pedagógica da Escola e Docentes e não irá intervir no andamento das atividades e programas desenvolvidos por esta secretaria.

Esclarecemos, ainda, que os dados e resultados da pesquisa serão confidenciais, mantidos com a pesquisadora e as identidades dos sujeitos entrevistados/as não serão reveladas na divulgação do trabalho em reuniões científicas, publicações e nas aulas de disciplinas. Será utilizado um nome fictício para a identificação de cada participante da pesquisa, mantidas as condições de sigilo.

Estamos convidando Vossa senhoria para participar da presente pesquisa. Você tem todo o direito de não autorizar e, em qualquer momento da pesquisa, interromper sua participação sem qualquer problema ou retaliação ou represália, devendo somente avisar o pesquisador da sua desistência.

**Nome do aluno: Anderson de Jesus de Sousa Minada**

**Endereço:**

**Fone:**

---

**Pesquisadora responsável**

**Orientadora**: Vilma Nonato de Brício

**Endereço**: Alcindo Cacela; 4043
**Fone**: (91) 98364-3677

---

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que, por minha livre vontade, participarei na presente pesquisa.

Abaetetuba, 20 de abril de 2018.

---

**Entrevistado**